

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO-SENSU –
MESTRADO

NARRATIVAS MUSICAIS:
UM OLHAR DE CIDADE DO ARTISTA SUBURBANO

ADILSON FERREIRA FRANCO

2024

SUMÁRIO

Agradecimentos

PLATAFORMA 2, LINHA A

- escrita e crítica e política
- poeira das estações
- um cadafalso uma cadeira
- uma vibração
- outra vibração

CIDADE E SUBÚRBIO-----

FORÇA DEFORMADORA-----

ESTAÇÃO DO SAMBA-----

CENTRO, TREM E BAIRRO-----

SARAU DO CALANGO-----

- retratos e canções

ESTAÇÃO DA LATA-----

- dentro da lata

ÚLTIMA ESTAÇÃO -----

ESTAÇÃO CENTRAL -----

- A Rua das Carrancas -----
- A praça do Vento -----
- A ópera dos Guardiões -----
- Carrancas e camadas -----

DENTRO DO TREM ----

- carrancas -----

ESTAÇÃO DO VIADUTO -----

- Ecos do ferro velho -----
- camadas -----
- outras carrancas -----
- outras camadas -----

TRILHOS E TRAVESSIAS -----

ESTAÇÃO DAS COLHEITAS-----

- aração-----
- semeadura-----
- poda-----
- manejo-----
- colheita-----

ESTAÇÃO DO SOM-----

Estação do sol-----

- dentro da bruma-----
- dentro do horário-----
- dentro da chuva-----
- dentro do boteco-----
- dentro do sobrado-----

ESTAÇÃO DOS PASSOS-----

- dentro de casa-----
- dentro do maço-----
- dentro do destino-----

PRIMEIRA ESTAÇÃO

Agradecimentos

Por ter vida e amor em nós, por ter paixão e sabedoria, dedicação e paciência, minha imensa gratidão Heloisa Helena por ser a companheira de todas as esferas.

Pela imensa alegria de partilhar cada pequeno momento e ver brotar intimamente cada ato de vida e por ter aprendido tanto com você, sem que você nunca tenha tentado me ensinar nada, saiba do amor infinito de seu pai, Ísis. Você foi a melhor escolha dentre todas as escolhas.

Percebo que até aqui chegamos muitos.

Devo reconhecer também que tivemos sorte nos caminhos. Muitas dessas sortes traduzidas em situações engraçadas e inacreditáveis que só foram possíveis pois as peças do acaso estavam todas em seu devido lugar. Por sorte, também, hoje posso agradecer ao *homem que aparece e desaparece* pelos trajetos cheios de alegria, apesar de nem sempre muito fáceis.

Agradeço às esquinas pela sabedoria de esquivar-me de todos os caminhos que me desviassem de um par de tardes musicais acompanhado de queridos amigos; Agradeço, ainda às esquinas, por me trazerem até aqui com atenção integral ao que delas surge se dissipando, num jogo quase imperceptível, me sinto com sorte pela oportunidade de observar suas propriedades mágicas que moldam as possíveis dimensões reconhecidas, ou não, pelo crivo da realidade. Esse aprendizado devo as minhas mães Teresa e Solange, que me ensinaram magia, espiritualidade e respeito. Elas me ensinaram a viver.

Devo agradecimentos às ruas da minha terra por me permitirem trajeto, e aos guardiões e guardiãs destas ruas pela viagem tranquila até o destino que não cessa.

Me sinto feliz em poder prestar minha mais profunda gratidão à *criança que nunca nasceu e*

nunca morreu, habitante da noite que faz morada nas fagulhas que saltam da ponta dos meus olhos e emprestam sentido ao mundo de dentro da minha cabeça caótica.

Agradeço àqueles que me abrem a visão para os acontecimentos multidimensionais e me permitem observar na realidade corriqueira os ecos frutuosos da magia do mundo.

Ao meu pai, agradeço por me ensinar os caminhos importantes, escolhas certas e o mapa das rodas de samba ancestrais da nossa terra, agradeço também por me ensinar a subir as escadas do palco e a querer estar em cima dele com responsabilidade, compromisso musical e espiritual.

Aos meus mortos pelo suporte advindo do mundo espiritual: sem o apoio de vocês nada disso seria possível.

Aos meus vivos pelo suporte advindo dos laços de amor: sem vocês nada disso seria possível.

Pela satisfação de estar sempre curioso e atento e sem pressa com a leitura, agradeço ao querido amigo João Rezende, tive a sorte de tê-lo como professor.

Pelo alto astral e notável amor ao ofício de professora, meus agradecimentos à Ana Cláudia. Com você Ana, aprendi a amar também o conhecimento das aulas. Quando me inscrevi no programa de pós-graduação, não tinha noção de quantos laços maravilhosos seriam criados, e isso se deve muito ao quão leve e gostoso está sendo todo o processo. Ana Cabral, minha querida orientadora, te agradeço imensamente por isso.

Pelas tardes musicais em que a sorte fez atmosfera, agradeço aos queridos amigos Igor Araújo, Rafael Bessa, Gabriel Turque, Pedro Mansur e André Profeta. Com vocês aprendi a diferença entre o caminhar e a caminhada.

Por tudo o que vivemos com alegria e muita risada, por todo o apoio, amizade e cuidado que existe entre nós, te agradeço com carinho Luisa Leuthner.

Aos mergulhos pela Realengo musical, pelas incríveis composições que temos juntos, pelas alegrias de estarmos comemorando a vida sem motivo, agradeço ao amigo Yuri Costa.

Pelos emaranhados dentro das madrugadas perigosas e divertidas de nossas ruas-favelas registro minhas eternas saudades do amigo Marwin Oliveira.

Aos amigos de toda vida, Tiago Agenor, Breiner Sávio, Yuri Barros e Rafael Ramos deixo meus votos de gratidão pelo apoio e companheirismo de sempre.

Especialmente quero deixar meu mais profundo reconhecimento e voto de amor à irmã que a vida me deu: Estela Cardoso.

Estela, tudo tem você. Cada palavra, cada sorriso, cada passo, acorde... cada filho. Pelos 12 anos em que estive em outra cidade, minha casa era estarmos juntos. Você me deu uma família onde eu não tinha, e você sabe o quanto isso é importante para mim. Seguiremos sempre juntos no infinito das vidas dentro das vidas.

Aos amigos da espiritualidade que me acompanham sempre, me iluminam os caminhos e me ajudam nas caminhadas dedico este trabalho. Nele está refletido todo o amor e cuidado que vocês sempre tiveram comigo.

Sigo grato, sortudo e vagante.

PLATAFORMA 2, LINHA A:

Enquanto o trem não vinha, me vi pensando numa trajetória artística coletiva que experimentei como músico e compositor junto ao coletivo Mardiarte nos anos de 2017, 2018 e 2019, onde sete estudantes da UFF (5 do curso de Psicologia e 2 do direito) compunham um grupo musical fazendo apresentações pela cidade de Niterói e Rio de Janeiro, priorizando espaços públicos e afirmando um teor político aversivo frente à possibilidade de Governo bolsonarista que se iniciava, pude experimentar uma atuação coletiva potente na construção de um território que daria vazão às vicissitudes do momento histórico testemunhado nos anos citados. Sem nos darmos conta, num primeiro momento, estávamos nos firmando enquanto coletivo num lugar de acolhimento às violências experimentadas por essa onda bolsonarista, tanto por nós integrantes do grupo musical, quanto pelos amigos que compunham esse coletivo e seguiram acompanhando nossas apresentações musicais. A expressão desse devir artista atrelado à minha atuação (na mesma época) aos atendimentos no SPA da UFF como estagiário me faz olhar para a questão dessa coletividade envolvida no processo artístico como uma prática de cuidado muito potente na cidade, essa que se articula através do músico de rua, das apresentações promovidas pela Secretaria de Cultura de Niterói com o “Arte na Rua”, pelos saraus realizados pelos estudantes da UFF entre outras práticas localizadas nesse contexto de uma cidade viva. A ideia de produzir este trabalho surge justamente a partir daqui.

-- escrita e crítica e política

A escrita é um percurso.

Aqui ela é um percurso pela região da zona oeste da cidade do Rio de Janeiro; um bairro chamado Realengo.

Neste percurso, os guias serão as memórias cantadas e histórias contadas deste chão por personagens nele vivos.

Ao contato com a musicalidade local, este trabalho movimenta-se a partir de um levantamento das canções ouvidas nas praças, canções compostas por moradores e moradoras da região em que falam essas ruas e avenidas, viadutos e estações. Situo-me em meio a esses dizeres enquanto pesquisador-compositor-artista suburbano. E na invenção desse lugar de concomitâncias, escolhi as canções que trazem à tona algo do cotidiano do subúrbio da zona oeste por observar nelas o aparecimento desse subúrbio em uma linguagem possível de ser acessada, tanto aos moradores e moradoras da região quanto aos companheiros e companheiras da academia. Também porque com essas canções pude obter o auxílio para me debruçar numa escrita que priorizasse a experiência do contato com um campo que foi sendo inventado, mantendo a força narrativa desses encontros, revisitando o que foi vivido, agora tendo o texto como ponto de partida e o subúrbio como campo, e nisso haveria de se reconhecer uma problemática que se constrói pela própria disputa do signo “*subúrbio*”.

Há uma referenciação do termo já feita por Ruy Moreira, tendo como disparador o livro de Nelson da Nóbrega Fernandes (2011) : “*O rapto ideológico da categoria do subúrbio – Rio de Janeiro 1858-1945*”. Nele uma comparação dos subúrbios do Rio de Janeiro, França e Estados Unidos da América marca uma semelhança em que os dois subúrbios estrangeiros se aproximam do subúrbio carioca pré período industrial, século XIX, onde a região suburbana do Rio de Janeiro era habitada por classes mais abastadas. Ao fim do século XIX, iniciando o século XX, ocorre a industrialização e por conseguinte o proletário é empurrado para áreas mais distantes do centro, configurando assim um novo subúrbio que, seguindo a ferrovia, se constitui nas proximidades com as novas fábricas e arredores da malha ferroviária.

Nesse contexto, a noção locacional espacial do subúrbio carioca, enquanto conjunto de regiões que circundam o grande centro da cidade do Rio de Janeiro, perde sua força ao ponto que esse subúrbio passa a ser marcado mais pela noção de densidade populacional, eixo ferroviário e conotação proletária. É corriqueiro associar a região suburbana do Rio de Janeiro àquela que acompanha a malha ferroviária, logo, não seriam subúrbio as regiões de praias e bondes. Evidentemente o subúrbio tem o traço identitário dado pelo eixo ferroviário, mas é o traçado das linhas dos bondes que dá os limites desse território carioca nos anos de 1950, apesar de que a zona norte em seu âmbito suburbano se estende à linha do trem.

Temos que os recursos que a administração pública distribuía de maneira abastada para projetos urbanos nas regiões onde se constituía o antigo subúrbio (Zona Sul do Rio de Janeiro) não continuou sendo direcionada para essa nova região suburbana pós reforma de Pereira Passos

ocorrida aos moldes da grande remodelação de Paris por Haussmann¹. Nesse ponto da história é iniciado um processo que demarca um cunho social, resultando no que vemos hoje como áreas socialmente opostas da cidade (zona norte-oeste versus zona sul). Cria-se aqui no imaginário geral da população carioca um subúrbio como sendo “lugar de pobre”. Disso e do surgimento inevitável, pela marcação social em que se encontram as habitações e habitantes acionados a partir dessa ausência de investimentos, há um processo de favelização nessas regiões onde subúrbio e favela sobrepõem-se. Esse processo - ao ponto que deprecia as regiões cariocas da zona norte-oeste - valoriza as regiões habitadas pela burguesia e classes média/alta da zona sul. Como resultado temos um raptó ideológico da categoria subúrbio.

Mas em que se pesem tais concepções, uma delas se mostra aqui fio de uma história e de uma geografia capaz de nos ressituar e nos reconvocar diante dessas disputas: a linha férrea de onde propomos aqui construir um dizer.

As estações de trem montam um trajeto geográfico e subjetivo a um só tempo - numa importante indissociabilidade entre as políticas territoriais e as políticas de subjetivação² - acerca do território em questão, e é com elas que encontro margem e movimento para trazer à tona as cenas que constituem esse lugar. A escolha das estações como elemento estruturante do trabalho acompanha uma dinâmica do próprio território, que é construído a partir da linha férrea, ou seja, os bairros adjacentes à linha do trem recebem o nome das estações às quais margeiam, assumindo um lugar de centralidade. Essas estações são a gênese de cada um desses bairros. Trata-se de uma região onde a malha ferroviária compõe as ruas e praças tal como o artista compõe sua canção. Há nesse paralelo, também, um dos motivos para a escolha estética deste trabalho.

Encontrando seu amparo metodológico numa aproximação com as caosgrafias³, proponho um trabalho onde sua elucidação, assim como a apreciação das intercorrências possíveis nele

¹ Georges-Eugène Haussmann, largamente conhecido apenas como Barão Haussmann — o "artista demolidor" —, foi prefeito do antigo departamento do Sena, entre 1853 e 1870. Durante aquele período foi responsável pela reforma urbana de Paris, determinada por Napoleão III, e tornou-se muito conhecido na história do urbanismo e das cidades.

² Sobre esta indissociabilidade, conferir a tese de doutoramento em Planejamento Urbano e Regional (IPPUR/UFRJ) intitulada: *Por entre ratos e andorinhas: burburinhos e garatujas de uma experiência de montagem no limiar das palavras cidade e subjetividade* (CABRAL, 2013),

³ O que reconhecemos por caosgrafias resulta da posição ético-estética por navegar no limiar entre ciência, arte e filosofia, articulando teorias e práticas com a experiência estética envolvida nos atos de dizer (e criar) cidade através de múltiplas linguagens em meio a atividades que proferem temas e problemas da cidade contemporânea. As caosgrafias dizem de um modo de fazer ou um ethos, mais do que exatamente um método a ser aplicado, sua apresentação encontra maiores detalhes no artigo *Coasgrafia Cidade* (2016), de Frederico Araújo, junto ao Grupo de Pesquisa Modernidade e Cultura, do Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional - UFRJ.

estarão ligadas à musicalidade, cidade e corpo onde a música, poesia e resistência cultural têm sido disparadores fundamentais para que possam emergir encontros em que a criação desses subúrbios, junto à expressão de suas musicalidades, possam ser disseminadas para/por sua população.

No Sarau do Calango, Festival de Música e Cultura de Rua de Bangú e Ocupação Popular Parquinho Verde, eventos culturais situados nessa região do subúrbio da zona oeste do Rio de Janeiro um processo caosgráfico de interação entre as forças que devém⁴ das narrativas de saberes territorializados e a sua transmissão/propagação/permuta estão fervilhando. A partir deles, durante quase dez anos de participação ativa, pude perceber o aparecimento de um movimento onde o subúrbio é protagonista na maioria das manifestações artísticas presentes ali - processo que acompanha uma certa construção de corpo e subjetividade presente nesses bairros. O jeito de falar, de cantar, de compor e se vestir, de andar e gesticular, escrever e pintar está totalmente ligado ao trilho do trem que avança sobre o chão do subúrbio tal como para dentro dos corpos gestados nele. Há, figurativa e literalmente, um trem que vive em cada um de nós, trem que cada um de nós, literal e figurativamente, fazemos vivo em nosso chão.

Está presente aqui uma lente que pretende a observação de uma certa construção de cidade que está, não mais somente em seu plano urbanístico (planejamento urbano-arquitetônico ou geográfico, policial ou legislador, normativo ou civilizante), mas de uma porção urbana que traz a deformação desses fatores. Deformação enquanto inflexão, tensionamento de forças e formas majorantes. Cujas dinâmicas são perseguidas, atentos à noção de cartografia (que igualmente acompanha a Caosgrafia). Ela nos é bem vinda ao afirmar que, ao contrário do mapa dos geógrafos e dos estratégico-militares – representação de um todo estático – a carta é um desenho que acompanha e se faz como acompanhamento dos processos e movimentos de transformação da paisagem⁵. A cartografia, nesse caso, acompanha e se faz ao mesmo tempo que o desmanchamento de certos mundos - sua perda de sentido - e a formação de outros mundos que se criam para

⁴ É que devir não é imitar algo ou alguém, identificar-se com ele. Tampouco é proporcionar relações formais. Nenhuma dessas duas figuras de analogia convém ao devir, nem a imitação de um sujeito, nem a proporcionalidade de uma forma. Devir é, a partir das formas que se tem, do sujeito que se é, dos órgãos que se possui ou das funções que se preenche, extrair partículas, entre as quais instauramos relações de movimento e repouso, de velocidade e lentidão, as mais próximas daquilo que estamos em vias de nos tornarmos, e através das quais nos tornamos. É nesse sentido que o devir é o processo do desejo (DELEUZE; GUATTARI, 1997: 64).

⁵ Tomamos o conceito de paisagem a partir dos estudos de Daniele Caron. Segundo a autora: "(...) a paisagem, em sua dimensão política, ajuda a entrever disputas entre diferentes desejos de cidade, de forma a desnaturalizar as dominâncias na produção de subjetividades que legitimam e autorizam a cidade financeirizada. Engendrada na experiência viva, complexa e cotidiana dos sujeitos e coletividades, a paisagem expressa o enlace, nos termos propostos por Augustin Berque, entre as formas de expressão cultural do mundo sensível (marca) e as formas de percepção, significação e compreensão do mundo de determinada cultura (matriz)" (CARON, 2022, s/p.).

expressar afetos contemporâneos, em relação aos quais os universos vigentes tornaram-se obsoletos.

Sendo assim, esta é uma investigação caosgráfica daquilo que chamaremos a partir de agora de “dizeres-subúrbio”. Demarcando, sobretudo, uma distinção entre isso e um discurso que se queira representativo, ilustrativo de uma realidade a ser apreendida. Por isso dizer-subúrbio, e não dizer *sobre o* subúrbio, ou coisa que o valha. Pensando, com isso, o subúrbio como um lugar onde a música é a principal fonte de entretenimento de população, predominantemente parda e afrodescendente, local esse constituído majoritariamente por áreas de Favela, a fim de articular sobre as necessidades vitais que permeiam a sua prática, os desafios nela encontrados e a importância dessa musicalidade para afirmar uma coletividade ancestral que produz impactos diretos para essa população enquanto estratégia de cuidado, promoção de saúde e direito à cidade.

Quando apontamos para estratégias de cuidado nas regiões da zona oeste do Rio, é primordial entender que é através da arte e da cultura que conseguimos propor o diálogo entre a realidade cotidiana e a possibilidade de expressão de inúmeras angústias e denúncias que habitam aquele espaço. A existência de um local acolhedor para que essas narrativas⁶ transbordem se traduz muito bem através dos eventos de promoção de cultura como saraus e festivais ocorridos e frequentados por mim nos últimos dez anos. São nesses e para esses espaços que confluem tais modalidades artísticas que propõem dar vazão aos sofrimentos comuns observados todos os dias nos corpos suburbanos.

O desafio de fazer destes restos de cidade rememorada, reinventada, esquecida, artimanha em um dizer experiência (Erfahrung) que não se equivalha ao registro das vivências pessoais (Erlebnis), aos domínios de uma subjetividade individualizada, mas que tampouco se resolva na palavra “coletiva”. O desafio, em outros termos, de – pelas frestas, pelos poros de uma vida, uma história, um corpo, plasmados sob a égide da Erlebnis – salvar a (palavra) Erfahrung. (CABRAL, 2013, p.31).

Desde a distância dos museus, teatros, cinemas públicos e pontos de cultura posta pela organização urbanística até a precariedade no transporte público, infraestrutura de saneamento e acesso à serviços básicos de saúde, é possível visualizar o motivo pelo qual esses espaços de

⁶ O conceito de narrativa aqui dialoga estreitamente com aquele trazido por Walter Benjamin (1936/1987) em seus ensaios que sustentam o declínio da experiência como passagem (erfahrung) e da capacidade de contarmos histórias que possam revezar de uma vida a outra, de uma geração a outra. Das ruínas da narrativa - sobretudo naquilo que elas indicam de um novo, de um inaudito que há de vir - constituímos nossa escrita, e assumimos a importância estético-ético e política das narrativas.

resistência cultural se fazem necessários e inevitáveis em Realengo⁷. Se tornando um espaço de ancestralidade e passado de geração em geração, as praças são ocupadas pelos corpos suburbanos onde cada anfitrião tem um espírito, cada um transmite uma vibração própria. Tem aquele que promove o equipamento de som, o que organiza o evento nas plataformas online, o que propõe atividades, o que apresenta o Sarau, assumindo a função de mestre de cerimônias, aquele que é o mestre das percussões, que também é o mestre da dança. Essas pessoas que estão assumindo um certo posto de anciãos estão há muitos anos vivenciando o aspecto artístico que é transmitido desde os antigos, e que continua em trânsito através desses encontros. Quando evoco esses agentes me refiro mesmo à entidades encarnadas, entidades promotoras de cultura nessa região, que trazem em seu corpo o tempo e os outros corpos que já não habitam mais aquelas praças. Dizer-subúrbio aqui, fala, portanto, de uma certa magia herdada de uma tradição de manutenção da vida e suas formas possíveis. Nisto apostamos e sustentamos uma narrativa pelo trilho de um trem, que diferentemente daquele a que se alude nas imagens dos desejos de modernidade, progresso e avanços coloniais-civilizatórios, não segue sempre em frente: rasga territórios e infiltra-se por incontáveis temporalidades, memórias e lugares.

—————poeira das estações—————

O que faz uma porção do mundo observado se transformar numa paisagem é o contexto em que se encontra, assim como a fotografia e o filme, as imagens lá presentes na película, descontextualizadas não formam uma paisagem experimentável, apenas um ‘take’ capaz de ser descrito, e a descrição aqui representa um perigo de esvaziamento das histórias narradas. Para dizer algo se faz necessária uma montagem.

Logo, descrever um lugar, me parece o ato de debruçar-se sobre o mesmo com a atenção fixada na capacidade de descrever o que aparece nele, e isso para nós não assume efeito condizente com a complexidade das vidas encontradas aqui.

Mesmo quando se apresenta um lugar para alguém, alguns ruídos da percepção de quem o faz acabam por interferir na percepção de quem o está desvendando e isso, ao decorrer desta construção textual, se dá como um problema a ser contornado, por isso a aposta narrativa aqui aparece mais como tentativa de colocar a leitora naquele lugar do que apresentar o lugar para ela. Respeitar o triunfo de um mundo construído a partir de seu território e das agências que ocorrem nele é também prestar o devido respeito a quem dele vem e a quem nele chega.

⁷ O abandono sócio espacial de determinada região diz muito do projeto que o Estado tem sobre quem a habita. O ponto de vista do Estado acerca das regiões ditas periféricas realça sua força de opressão agindo sem intermédio nos corpos que habitam aqui. Projeto herdado de uma constituição escravagista de uma dimensão do Urbano. Um dizer-subúrbio, a partir disso, é: “ferramenta de produção de saber aterrado, resgate de uma tradição firmada nas práticas de vida afro-brasileiras e estratégia de guerra no combate ao racismo sócio-espacial. (SANTOS, Abrahão de Oliveira, 2020)”

Para serem observados os aspectos descritos de uma cena é necessário um afastamento da própria cena, e um embarreiramento entre quem a acessa e quem a experimenta é marcado, daí se constituem os abismos que tentamos deformar em passagem nesta construção conjunta. A aposta narrativa embebida de força poética surge justamente para realizar o caminho oposto e propor uma aproximação da cena, de modo que quem a experimenta possa estar, de alguma maneira, dentro dela; marcar essa presença na cena é a aposta feita, criar passagem, ponte e transitar memórias é preservar deste lugar seu caráter político, no sentido de não replicar dizeres de outrem às suas memórias. Nas narrativas encontradas durante o percurso de montagem do presente texto, observam-se diversas cenas em que abismos são impostos por um modelo político de marginalizar os territórios que dizem este lugar, histórias são ‘substituídas’, memórias sofrem tentativas de serem apagadas e um outra narrativa de lugar é construída sem que a mesma pertença à este território. Ao mesmo tempo há uma força que desmonta as imposições postas por tal modelo político, que por sua vez estão localizadas dentro de uma política de enfrentamento. Onde o Estado impõe muros a rua o deforma em portas, onde há abismos a rua apresenta pontes, onde o Estado há ‘tripalium’ a rua há arte, onde o estado impõe pagamentos, as calçadas contam suas histórias legítimas através de suas guardiãs, e daí por diante. Na prática do cotidiano as narrativas que dizem estas ruas à que me refiro, aparecem criando uma redoma de vida e possibilidade num chão que historicamente foi projetado pela agência de forças coercitivas de habitação, trabalho, transporte, depósito de gente, expropriação cultural, remoção de moradias e uma penca de outras ações corriqueiras dos governantes, que atentam a todo o tempo contra este chão e quem nele vive, ou seja, o que permeia o estatuto do urbano por aqui, está localizado dentro deste projeto terrorista de remover do território aquilo que é dele, remover pessoas de seu lugar, remover do chão as suas memórias.

Partindo destes aspectos, pensar território e narrativa aqui é também pensar numa certa maneira de reconhecer um lugar vivo para que ambos apareçam. E como encontrar seu aparecimento em uma escrita que escolhe um modelo que não está presente nele? E das escritas possíveis, quais delas existem neste chão?

A respostas está nos saraus, nas canções, nas rodas de samba, nas praças e no caráter desconcertante de se viver em um lugar que por si só deforma imposições, lugar de onde nascem corpos deformantes de cristalizações supostamente estabelecidas, onde deformamos a matérias pesada das cidades através do simples ato de viver; viver aqui não é outra coisa senão estar em choque constante com uma espécie de terrorismo subjetivo, onde o tempo inteiro o poder hegemônico do Estado tenta apagar aquilo que somos, ou seja, tenta ratificar nosso terreno em função da manutenção de práticas incompatíveis com o território em que estamos inseridos. O planejamento urbano diria que os filhos deste chão vivem para rasgar a cidade, o Subúrbio diz os filhos deste chão rasgando a cidade por viver.

Nos meandros do processo de uma escolha narrativa, dizem subúrbios aquelas que advém dele próprio, pelas bocas de suas esquinas, botecos, viadutos e portões.

A presença das forças pretendidas aqui, nos territórios desvelados na aposta estética abordada, portanto, é nossa aposta; trazer do próprio chão a tinta que fere os olhos e deforma o papel constante, inserindo gradiente subjetivo e cedendo texturas e variações em sua superfície plana; mora nisto tal aposta estética narrativa; aqui ela se apresenta.

Ao decorrer do curso de pós-graduação que traz este material como resultado final, uma prática comum de ler coletivamente entre os colegas e a orientadora o que havíamos escrito, fez saltar um

fragmento que trazia consigo esta força narrativa, em detrimento ao texto que anteriormente tentava acompanhar uma certa estética comum aos interiores da academia, surge um fragmento, até então muito desviante, que nem sequer havia sido escrito como proposta, estava ali pois era inevitável que estivesse; surgiu no texto como um grito do próprio chão do Subúrbio aos ouvidos do escritor suburbano, e pôde chegar na orientadora que o recebeu com atenção, sensibilidade e carinho.

A marca de uma mudança radical, a partir disso, foi estabelecida.

Portanto, o presente trabalho surgiu como uma ponte que pôs a leitora no lugar referido, possibilitando que a mesma pudesse construí-lo para dentro. Conhecer-lo do texto para si própria e empoeirar-se do aço presente na atmosfera narrada pelo chão daquele autor.

Desta maneira, foi o caminho quem nos achou.

Não encontramos nada.

- - - um cadafalso uma cadeira

Pela manhã ele escorre vagaroso e tímido na superfície das telhas das casas e tetos de automóveis. Movendo-se incoerente e subindo as encostas dos morros de repente invade o buraco estreito dos meus olhos, ultrapassando a fina camada de pele irrigada, formando um clarão vermelho rosado, cor de tijolo novo.

É um pouco confuso despertar dentro de um Chevette, seu interior com aroma de gasolina me soava tão natural quanto a brisa mais pura de qualquer vento de chuva. Demorou para que eu me desse conta de que há uma diferença estrutural entre uma máquina e um animal, de que a biologia e a mecânica se distinguem no patamar mais íntimo de suas entranhas. Ainda um pouco dorminhoco lembro de apoiar as minhas mãos no banco da frente para levantar durante o trânsito e me ajoelhar com o peito contra o encosto do banco traseiro, apoiar os braços no anteparo do porta-malas de tecido macio e futucar as caixas de som com os dedos. Acenar para o carro de trás e ver as esquinas das ruas ficando cada vez menores, assim como as pessoas sentadas nas cadeiras de plástico dos botecos. Os batentes de pedra corriam alucinados pela tez do asfalto, e as construções repousadas nas calçadas feriam os pavimentos com sua estrutura caótica e pesada.

Uma plantação de fogo corria brilhante nos cabelos do morro e pequenas fuligens pretas escorriam pelo vidro de trás enquanto o carro cortava a pista.

A ideia de uma manhã de sol iluminando a grama úmida nunca será tão emocionante refletida na ponta dos meus olhos.

Tem uma cidade inteira no compartimento mais profundo da minha cabeça; um Subúrbio gigante pulsa um fluido quente nas galerias do meu coração.

Seja bem-vindo a mim, sou feito das ruas em que percorrem os meus múltiplos corpos.

Uma vibração.

O chão em suas inúmeras propriedades possui uma extensão que permite seus buracos e relevos, viabilizando uma heterogeneidade material que é elementar no espaço urbano. As diferenças de textura que apartam terra e concreto, areia e asfalto estariam vazias, no contexto de cidade, sem a atribuição histórica que lhes assegura suas propriedades socioespaciais, portanto, no jogo de atribuir ao chão seu estatuto de terreno se fazem valer regras distanciadas do jogo de atribuir ao chão sua propriedade de território. No contexto plural de sua metamorfose, o chão quando vira território tem o seu uso como forma de aderir aos pés, que por sua vez, os transformam em caminhos, pelos quais se instituem espaços e habitações permeadas pelas adaptações de quem os habita. Essa espécie de abstração própria das urbanidades garantem um tratado corroborado pela situação econômica que submete o chão aos fatores agenciados pela especulação imobiliária, aliada à máquina do Estado a fim de produzir espaços onde o trânsito das diferenças é cada vez mais inviabilizado pela lógica de um sistema que produz e reproduz margens, que “não são inertes, as margens são instituintes de formas alternativas de ação política, de formas locais de pluralidade legal, econômica e cultural, lugares onde racionalidades e normatividades outras são praticadas cotidianamente.” (TRONCON, 2018, p.186).

A tentativa de expressar a ideia de margem como algo posterior ao centro, tomando o planejamento urbano como ponto de partida é uma contra-vetorização da construção do próprio país, e se distingue da realidade quando pensamos a organização urbanística atual como resultado da expansão territorial disruptiva pós escravagista, e sua tentativa de afastamento de seus desdobramentos. Portanto, a forma como as capitais portuguesas se distribuem no território do Pindoretá⁸, em que foram instauradas pelo intermediário da “toma” ou invasão/assalto, se referem à colônia, quando esse chão vira país ele começa a partir do que convencionou-se chamar de margem. Quando os centros urbanos herdados do Brasil-colônia empurram os corpos sequestrados de África e os corpos Nativos - àqueles a quem esta terra pertence - cada vez mais para longe de seu centro colonial, a própria força coercitiva do Estado cria condições informais de habitação. Esse processo é planejado e projetado para que se estabeleça o que hoje observamos de forma muito marcada nas grandes cidades brasileiras, onde a proximidade entre as áreas marginalizadas e áreas nobres contrastam nítidas ao atravessar de uma pequena rua, como o exemplo da Favela da Rocinha e o bairro de São Conrado situados na zona-sul do Rio de Janeiro.

⁸ Um dos nomes originalmente dados ao Brasil pelos seus habitantes nativos.

Esse processo de marginalizar “imprensando” em pequenos espaços próximos a uma área nobre um grande número de pessoas, é também reflexo da necessidade que a burguesia tem de manter segmentos de trabalho nos moldes escravagistas, afinal os habitantes das regiões nobrificadas pela ação da especulação imobiliária precisam de “empregados” e da ilusão colonial de Urbanidade planejada, sem se dar conta de que a cidade tem produzido cada vez mais margem ao seu redor, formando pequenas penínsulas de moradias burguesas e suas ruas de nomes e monumentos brancos. Logo pode-se dizer que a “ordem” urbana é consequência desse processo que visa mão de obra abundante, permitindo sua exploração facilitada.

Pensar cidade no Brasil, é necessariamente, pensar o processo de marginalização cultural, econômica e socioespacial na qual a mesma está inserida, a existência dela se apoia na “margem” para garantir seu chão, assim podemos dizer que esse é o ponto de partida do que iremos visualizar nas regiões de onde se estabelecem.

O Brasil produz margem, como consequência disso, emergem cidades.

Outra vibração

Os pesados paralelos distribuem-se aos milhares por centenas de quilômetros em infindáveis britas a cortar os imensos relevos. O chão pode ser material para transformar as organizações que se debruçam sobre ele por intermédio da pura descritibilidade técnica, amparadas pelo sofisticado pensamento crítico herdado de uma tradição acadêmica distanciada dele, e por isso sem critério algum, sobre ele. Antes da análise acadêmica, no entanto, há a vida que experimenta o chão e que não sente margem alguma. Aqui as nossas casas repousam sobre um chão que é vivo, e chamar esse lugar de periferia, afirmando que ele se situa à margem de alguma coisa que tem como referencial um aglomerado de ruas projetadas à beira de uma praia banhada de sangue nativo Indígena e Africano não é tão sofisticado tanto quanto não rigoroso, mesmo assim fez parte do pensamento acadêmico, essa idéia de área-nobre versus periferia ou margem foi bastante cultuado e difundido pelas ancas do urbanismo até as décadas de 1960 e 1970 ao que se nomeava de “teoria da marginalidade social”. Nesse sentido, ausenta-se qualquer critério com um mínimo de rigor ao elaborarem nossos acadêmicos, infindáveis artigos preferindo as regiões das zonas sul e central da cidade do Rio de Janeiro como pontos de partida ou modelo para uma diversidade urbana tão abundante. Era necessário conhecer as outras regiões e suas riquezas antes de

nomeá-las margem, por isso as vibrações por aqui, ao ponto que derrubam estruturas frágeis de um pensar-cidades, ao mesmo tempo derrubam uma boa parte dessa cidade constituída a partir de uma centralidade, pressupondo que há uma vetorização de algum tipo de desenvolvimento que parte dos centros em diante. Por outro lado, temos a ideia de que subúrbio é algo que se constitui com uma maior proximidade dessa margem estabelecida pela referida estrutura. Pelo intermédio das intensidades e vínculos afetivos podemos acessar de forma muito mais precisa os territórios, que não são puramente terrenos, mas possuem sua propriedade espacial mesclada em uma dimensão subjetiva de determinado espaço em junção com seus usos e encontros. Jamais separaremos o lugar de suas memórias para falar de Subúrbio, essa mescla é o que imprime sentido a ele. Ainda sublinhando certas distinções entre o subúrbio do urbano e o Subúrbio aqui instalado, foi imprescindível escolher uma estética de escrita que trouxesse esse aparecimento, desse modo, há maiores chances de o encontrarmos pelos versos aqui amparados por tais narrativas, observando que muito mais valem os cheiros das praças do que o empreendimento que o estado desdobrou para alguma reforma traduzida em campinhos de futebol ou academias para idosos - a obra viabiliza os equipamentos, não o jogo; viabiliza os cercadinhos, não os idosos; esses, ainda quando sem a presença da infraestrutura financeira do Estado, lá estarão, no futebol ou no baralho, nos alongamentos e nos “pique-pegas”.

CIDADE E SUBÚRBIO

Podemos pensar cidade das maneiras mais diversas possíveis, uma delas é a oposição ao campo, onde “cidade” se significa como espaço geográfico marcado pelo que se denomina “urbano”, enquanto saber constituído desde uma perspectiva moderna de produção do conhecimento e de intervenção na realidade. Um espaço caracterizado por uma concentração populacional exercendo atividades ligadas à economia como mercado financeiro, atividades culturais, exercício de funções empregatícias e afins. Essa conceituação de cidade está posta aqui para sabermos ao que não estamos nos referindo quando pensamos dentro das nuances que pretendem ser observadas por outra palavra originada do urbano, o suburbano.

Em seu caráter superficial o subúrbio, tido como margem, é na verdade o centro do ponto de vista de quem o habita, e sabendo que são muitos os subúrbios e suas características regionais, pretendo

aqui nesse início generalizá-lo a fim de distingui-lo de cidade.

Da primeira distinção imanente, temos que a cidade, grande centro, seja o lugar onde se trabalhe, se produza dentro das faixas econômicas de manifestação de uma cidadania positivista mercadológica (essa a qual pretendo me distanciar). Nessa mesma lógica teríamos um subúrbio onde se habita enquanto espaço destinado às moradias daqueles que produzem na cidade. Pronto! Um sistema perfeito e fechado: em um lugar se mora, no outro se trabalha; cada um com a sua função. Essa utopia não se observa em nenhum grau em qualquer lugar do Rio de Janeiro. É certo que há um grande centro na cidade do Rio de Janeiro e que lá há muito do que se discute em cidade tal como observamos acima, porém, o sentido de cidadania posta acima exclui muitos de seus habitantes. Sim! Habitantes dos grandes centros, que residem nesses grandes centros, ou mesmo que em situação de rua, não exercem na cidade o que se propõe necessário para a afirmação de uma cidadania nesses moldes. Essas populações, ainda assim, exercem uma cidadania onde a própria cidade a torna escusa. Na prática, a cidadania desse sujeito que está marginalizado em um centro urbano é preterida, mas há mecanismos burocráticos na própria legislação que garantem igualdade de direitos a todos os habitantes do território nacional, logo, na própria estrutura da cidade é possível encontrar algo de demolidor dela mesma. Pois bem, temos que, não por acaso, ela foi pensada para ser assim, auto-destruidora e auto-regeneradora em seu próprio sentido de existência.

Aqui já se dissolveu tal ideia de que a margem está longe ou externa aos centros, pois nas próprias regiões centrais, a cidade posta como está, marginaliza seus próprios habitantes, e pra isso não é necessário que esteja em jogo alguma distância geográfica.

A esta altura já estão misturados os sentidos que abrangem também uma ideia de suburbanidade que quero trazer, enquanto a centralidade e a urbanidade marginalizam, a suburbanidade de muitas formas acolhe e inclui. É claro que ainda no Subúrbio existem práticas centralistas e marginalizantes, porém, por se tratarem de populações mescladas aos moldes dos extratos sociais, a inclusão desses cidadãos (supostamente) não produtivos economicamente se dá de uma forma mais orgânica, e dessa organicidade surgem novas funções sociais que estão presentes no suburbano e ausentes no urbano. As noções de Subúrbio e subúrbio não são a mesma coisa.

Afirmar isso, dado o ponto do texto, parece ser óbvio e redundante, até mesmo porque o tema aqui se trata das diferenças entre essas duas espécies de espíritos incrustados na terra através de uma civilização às avessas. Mesmo assim é importante que essa máxima seja afirmada pois até

partindo da lógica etimológica, o urbano se faz central ao suburbano, porém estamos falando aqui de Subúrbio, algo que se descola da cidade e que está encarnado. Eu trago o Subúrbio em mim, ele é meu corpo, meu verbo, meu trajeto. Ele é meu malandreado e também minha escrita não há como trazer Subúrbio em desídia, e isso, é o território que trago comigo, logo um Dizer-Subúrbio que não é dito por mim mas pelo que há em mim do lugar de onde habito em meu próprio dizer.

Quando nos pomos a pensar subúrbio carioca, logo entramos em uma categoria periférica na disponibilidade geográfica do Rio de Janeiro pensando a cidade disparada a partir de sua região central, porém não é por esse lado que pretendo me embrenhar nessas terras. Quando falamos nos bairros do Méier, Oswaldo Cruz, Madureira, Freguesia, estamos falando de regiões limiars, onde pelo menos duas populações de diferentes extratos sociais do Rio de Janeiro se encontram, no sentido de que há aquela parcela da população com baixo poder aquisitivo mas, por outro lado, há aqueles que foram privilegiados pelo contexto histórico de habitação daquela região por famílias nobres e burguesas; esses dois extratos sociais se misturam e transformam tal região em uma localização muito particular em suas delimitações. São essas algumas das imersões do eixo Norte-Oeste da cidade, onde operam as características centrais já vistas acima com suas nuances territoriais e uma função de subúrbio que não acompanha o surgimento dessas categorias urbanas no Brasil. Historicamente o eixo Norte é pensado como um subúrbio que flerta com uma lógica parisiense de organização urbana e que acompanha o eixo Sul da cidade, atendendo às necessidades de uma burguesia que chega ao Brasil do fim do século XIX, não é atoa que se encontram centros culturais, teatros, jardins botânicos, praças, bondes e toda uma infraestrutura pensada e por conseguinte suas regiões preteridas pelo Estado, regiões essas favelizadas e com populações de baixo poder aquisitivo, populações essas já com seu sentido de cidadania sequestrado por tal política, essa muito bem elaborada. O eixo Norte também tem uma característica muito peculiar em sua constituição pois não tem como protagonista a malha ferroviária em sua constituição, sendo esse já pensado aos moldes do planejamento urbano, denunciando seus possíveis moradores já em sua constituição. Mas ainda não é deste subúrbio que estou falando.

FORÇA DEFORMADORA

Transfigurando-se pelo viés de seu próprio aparecimento, num jogo de esconde-esconde reverso, quase como num aparece-aparece, ela, misteriosa por seu trajeto e fugidia pela persistência de seu encontro, se faz presente. Ela ou elas, sua figura singular ou transitar singular em paralelo com sua pluralidade, dizem movimento. Constitui sua corporeidade, materialidade,

tangibilidade, forma física, por elementos que compõem algum curso, ou seja, se substantifica investida da matéria imprimida na cinesia do mundo, independente da ordem ou vetor que a mesma assume. No contexto de uma escrita que pinta um quadro, o primeiro traço de uma força deformadora seria a sua própria forma, de possível apreciação no ato de seu aparecimento, ou seja, de algo intangível ao mundo das coisas que astutamente exerce gerência sobre ele. Uma força coletiva, diversificada, perspicaz, rápida, quase como num comportamento assimilado dos territórios, também é metamorfa.

Quanto mais abstrata é a matéria à qual está deformando, mais complexas são as dinâmicas de observação de seu aparecimento. Em algum laboratório hipotético, onde se pudesse observá-la através do microscópio capaz de capturar o próprio movimento em imagem, estaria ela mesma agindo e gerindo o laboratório, o microscópio e a imagem. Em algum texto hipotético, onde se pudesse escrevê-la através das letras, capazes de formar palavras que expressassem sua semântica, seria ela mesma o agente sonoro de sua pronúncia. Em alguma canção hipotética, onde se pudesse desfrutar de sua reverberação através de notas musicais, capazes de traduzir a sonoridade de seus transpassar acelerado, seria ela sua propriedade acústica.

Seguindo assim, essa força que tem agência sobre as coisas, por intermédio delas, acaba agindo também sobre os coletivos. Para que seu aparecimento seja viável, a coletividade deverá ser acionada, tal tecnologia social regula um tônus que altera a forma instituída de um certo mundo, onde ações são possibilitadas e outras são impossibilitadas por um sistema de funcionamento, muitas vezes pouco dinâmico, dos espaços onde está atuando. Seguindo assim, essa força acionada pela coletividade, por intermédio de seu dinamismo, acaba agindo também sobre as coisas. Esse processo cíclico cria uma espécie de campo gravitacional que influencia em maior ou menor instância os funcionamentos do território, a depender da intensidade das forças deformadoras em jogo naquele momento.

ESTAÇÃO DO SAMBA

“Uma roda de Samba é possível a partir do momento em que se está junto”.⁹

O sentido de se estar junto reverbera em mim algo de samba. Penso que é corpo

⁹ Dito popular.

pertencente ao Samba aquele que possui certo potencial de mescla, tanto com o ambiente quanto com as pessoas que ali estão, e nesse contexto se configura também certa entrega ao que pede a rua. Esse entrelaçar-se com o mundo, de múltiplas formas, também é uma transa com a vida, onde a materialidade do sujeito é ao mesmo tempo música e cuidado e roda e troca. Não é difícil perceber que o rigor técnico do ponto de vista musical, no que diz respeito ao manejo dos instrumentos presentes nesse estilo musical desmonta paisagens por onde ocorre e transmuta lugares e estruturas, se podemos pensar em magia encarnada, é numa roda de samba que podemos experimentá-la, sendo multiplicidade e corporalidade é nele mesmo onde se situa seu rigor, assim como o domínio do Bamba¹⁰ sobre os passos graciosos e precisos que a dança exige, se alinham de forma espiritual aos entrecortes da Passista, onde o chão se torna apenas um detalhe para a grande base ancestral que essa forte ligação evoca.

A experiência inscrita no corpo do samba se faz de tal forma em que a própria exigência encontra-se fragmentada em seus elementos e passa a ser apreensível a partir do momento em que um corpo individualizado enquanto sujeito se transmuta por alguma porosidade proposta por essa força deformadora em um corpo coletivo. A própria ideia tradicional de rigor é característica impossibilitante ao que exige uma materialidade do samba, onde não há relação pré-estabelecida entre sujeito observador e objeto observado, nessa espécie de confusão entre corpo e mundo habitam os traços necessários para que se estabeleça referido aterramento, um rigor que em sua máxima emerge se desfazendo, mais aliado às conclusões do sentir do que propriamente do observar. Passeando ainda nesta ideia podemos referenciar o Rigor do Samba em sua característica caótica, onde seu vetor de imanência não se propõe em uma delimitação ou ponto de partida, uma espécie de conhecimento que não está pré estabelecido, conhecimento que se dá na experiência do viver, não do vivido. O Rigor do Samba está situado no presente.

Mas que rigor é esse que não é técnica somente, tampouco puramente uma série de trejeitos ou dançares, bem menos algum tipo de comportamento? Falando de características mágicas, ancestrais e urbanas é por onde começamos a seguir a trilha deixada por essa entidade, que é mundo, relação, cuidado, afeto, corpo e infindáveis outras possibilidades inalcançáveis pelos recursos da palavra. Seria impossível escrever sobre algo que está na experiência sensorial de maneira não descritiva, lugar onde um estar presente se faz necessário para acessar essa força, a não ser que a própria escrita esteja incluída nesse movimento. Para isto o auxílio dos compositores será primordial na lida com tal desafio, trazendo em suas próprias letras o sentido de mescla, necessário para essa elaboração.

¹⁰ Do quimbundo: “Mestre”, ou “aquele que tem gingado”.

O grupo Fundo de Quintal denota tais forças deformadoras em sua música:

“A Batucada dos Nossos Tantãs”.

Samba, a gente não perde o prazer de cantar
E fazem de tudo pra silenciar
A batucada dos nossos tantãs
No seu ecoar, o samba se refez
Seu canto se faz reluzir
Podemos sorrir outra vez
Samba, eterno delírio do compositor
Que nasce da alma, sem pele, sem cor
Com simplicidade, não sendo vulgar
Fazendo da nossa alegria, seu habitat natural
O samba floresce do fundo do nosso quintal
Este samba é pra você
Que vive a falar, a criticar
Querendo esnobar, querendo acabar
Com a nossa cultura popular
É bonito de se ver
O samba correr, pro lado de lá
Fronteira não há, pra nos impedir
Você não samba mas tem que aplaudir

Na letra acima estão situadas características imprescindíveis para pensar um certo Rigor que está presente no Samba, onde ele possui a potência de florescer, que em seu próprio ecoar nele mesmo se refaz algo de samba. Pode o Samba ser estratégia de cuidado no ato de seu acontecimento, restaurando um bem-estar daqueles que estão sob sua influência, força essa que emana da alma e que reluz, devolve o sorriso tirado nos atentados à ele próprio. O Samba aqui colocado pelo grupo Fundo de Quintal, é fundamental para pensarmos essas estratégias de cuidado, estratégia de guerra e aterramento, onde é ele mesmo que sofre a tentativa de silenciamento e é nele também que habita o fracasso da mesma e a inevitabilidade do aplauso, mesmo pra quem não samba, canta ou se alegra com sua presença. Essa força citada deforma, não somente o lugar onde está ocorrendo, deforma não somente enquanto ocorre, mas deixa, a partir dela mesma uma reverberação deformante de um espaço instituído, espaço estimulado por uma herança escravagista que atenta frustrada e incessantemente contra esse espírito Ancestral.

Ancestral aqui aproxima-se aos guardiões da cultura local presentes acima, partilham ambos um mesmo potencial deformante. Essa força comum entre um estilo musical e um sujeito, aproxima a partir de um bom lugar uma imaterialidade comum entre Samba e Guardiã, ambos Ancestrais.

CENTRO, TREM E BAIRRO

Tendo a linha férrea como referência, o bairro Realengo ocupa, na localização das estações de trem, a posição que dividiria a extensão ferroviária do eixo Centro - Santa Cruz em sua metade. Assim, a distância entre Realengo e Centro ou Realengo e Santa Cruz seria a mesma (aproximadamente). Esse bairro ocupa a posição central não somente no mapa geográfico, mas torna-se referência em arte e cultura com sua notável Areninha Carioca Gilberto Gil (Lona de Realengo) localizada na praça da Capelinha.

Dentro dela acontecem shows de música, teatro, exhibições de filmes, aulas, rodas de capoeira e reuniões comunitárias.

À Maneira que os bairros vizinhos a Realengo vão se tornando uma espécie de satélite, devido também à música de Gilberto Gil “Aquele Abraço” e a grande referência que faz àquela localidade, a paisagem do bairro também demonstra uma fase lamentável da história que remete aos tempos da Ditadura Militar dos anos de 1964 à 1985. Parece que Realengo divide extremidades, e de muitas formas se torna região central de uma época e de um território, ainda que não somente existencial, tampouco somente espacial.

A posição que o mesmo ocupa da cidade de Rio de Janeiro e a função pela qual surge, disputam entre si diversas narrativas entre seus moradores mais antigos. Essas histórias passadas de geração em geração através da oralidade mantêm vivas as diversidades e as noções de bairro que se dão em uma forma contra colonial. Afirmo isso ao me dar conta de que muitas das histórias que ouvi em minhas pesquisas não podem ser encontradas em registros escritos, e coincidência ou não, são essas as histórias dos povos originários e dos povos negros que ali se encontram ainda hoje preservadas na prática da oralidade e contadas nos jogos de roda espalhados pelo bairro. Encontraremos com essas histórias por aqui.

SARAU DO CALANGO

Do lado de fora, atrás da Lona, ocorre o Sarau do Calango que é uma ocupação artístico-cultural independente, realizado em espaço público na qual há 8 anos vem promovendo as artes integradas na Zona Oeste carioca, entre os bairros de Sulacap e Magalhães Bastos, Realengo, Padre Miguel, Bangu, Senador Camará, Campo Grande, Sepetiba e os bairros que tangenciam verticalmente a malha ferroviária da região da zona oeste da cidade..

Vizinho da Areninha Cultural Gilberto Gil, o Sarau do Calango possui essa atmosfera de música, poesia, dramaturgia e ativação artístico-urbana.

Durante algumas edições pedi para que alguns ativadores culturais importantes desta região dessem uma entrevista para incorporar no presente texto uma noção da visão que tinham sobre o panorama político e cultural da em que vivem. É muito literal e pouco simbólico demais o fato de que o Sarau do Calango ocorra há quase uma década e não tenha conseguido espaço para ocorrer dentro de um equipamento de cultura público, que literalmente está a uma parede de distância. Este panorama também pode ser observado em outras linguagens de eventos que dialogam com as favelas e áreas de habitação do povo que vive no subúrbio carioca. O fato dos equipamentos de cultura estarem fechados para esse tipo de evento, que interroga e critica a máquina do Estado e seus mecanismos de poder, é projeto intencional e repetitivo que ocorre na nossa região há mais de 6 décadas. O que podemos observar de ecos e ruídos da luta por direitos traduzidos em passeatas televisionadas pelas regiões do centro e zona-sul do Rio de Janeiro, por aqui pela zona oeste ocorrem massivamente, desde o fim da Ditadura Militar até os dias atuais. A ocupação do espaço público como forma de protesto tem seus autores aqui nas regiões mais preteridas e menos televisionadas, e a maneira que os servidores públicos atrelados ao ritmo do Estado têm de enfraquecer isto é justamente não cedendo espaço, ou seja, na inconstitucionalidade, à fim da manutenção de seus cargos e salários, onde o interesse individual de poucos se sobrepõe aos interesses das massas. Este fenômeno ocorre com extrema força, e por isso fazemos os eventos nas calçadas dos equipamentos, do lado de fora, há quase 10 anos.

-----retratos e canções¹¹

¹¹ Aqui utilizo do Discurso Indireto Livre como maneira de aproximar textualidade e

“Foi na Mangueira que eu comecei a construir e viajar pela cultura do mundo, e aí deu super certo, uma repercussão enorme. O projeto cresceu, engrandeceu, ficou gigantesco, tanto que iam artistas famosos. Percussionistas como: Robertinho Silva pra dar Workshop de graça. Tirando isso, de lá fui pro Tear. O Tear eu fiquei, acho que 5 anos, uma organização sem fins de interesse econômico-privado que se subsistia de patrocínios que vinham de fora, como a nestlé, que bancou maciçamente, e para isso convidaram o Lenine na comemoração dos 80 anos da nestlé, no palco do Teatro Municipal de São Paulo - ih cara! Viagem paga e tudo o mais - eu dou sorte com essas paradas, de estar no lugar certo na hora certa. Depois fui pro Espírito Santo, peguei mais as manhas deles, mais uns conhecimentos, por que cada um tem uma manha, um gatilho, um lance e aí saí, fui dar a volta ao mundo aí vim parar aqui na hora certa e no lugar certo. E nada é por acaso, daí conheci o Vandrê - e aí pronto, Fechou!

O Lata Doida já existia, tem uns 12 anos de existência, estamos a quatro anos com o grupo, aí juntou a fome com a vontade de comer cara!

O que existe por trás e que eu percebo que dentro dos personagens que compõem o Lata, é que a arte que está inserida ali é contundente, ela incomoda, principalmente aqueles que têm uma percepção em relação à música muito objetiva, tipo: subir no palco; plugar os instrumentos já conhecidos da indústria; teclado; bateria e o pessoal só senta e ‘vamo ver!’. Mas o que importa é o som, o Lata conta com os instrumentos também, os instrumentos tem uma alma diferente por si só né, tem algo que foi dedicado àquele instrumento, pela banda, que tem a sua marca, tá ali! Então acaba passando pro público e o Lata, na verdade é pura alquimia, que querendo ou não, por onde passa incomoda num bom sentido, sempre, porque arte incomoda mesmo fazendo algo esplendoroso, as pessoas ficam, né, no espanto, num incômodo, às vezes feliz, mas, há um incômodo, uma agitação por dentro, ela sai daquela inércia, algo move ela por dentro, e o Lata faz isso. Como a gente faz? Com provocações, tipo: pegando as sucatas, jogando no palco, distribuindo assim. E as pessoas subestimam, não esperam que daquilo ali saia som, sinceramente elas não esperam. E aí de repente a gente começa a montar, montar, montar. E mesmo assim, pela aparência aí ‘pá’ e a gente: PUM: senta o pau. E as pessoas: ‘Que isso cara!?’ . Um espanto. E como já dizia Ferreira Gullar “a arte vive do espanto, sem espanto não há essência”. E aí você entrou e saiu, você tem que ter provocado, pelo sim ou pelo não, alguma coisa. O cara que faz uma pintura grotesca e provocou, tá ali: ‘Ah cara, não gostei disso aqui’. E a intenção dele era essa? Opa! Era isso que eu queria!

Culturalmente falando, por eu ter muita estrada e rodado o Brasil a fora, conhecido muitos

vida, assim como o método cartográfico, já que o mesmo permite que os acontecimentos e as falas das personagens sejam narrados simultaneamente.

lugares, com ritmos e divisões rítmicas, polirritmias das mais diferentes que eu nem imaginava que existia aqui no país, isso me deu flexibilidade para ter ouvidos para toda e qualquer cultura, no caso específico daqui: a Suburbana. Vamos dizer assim: é como se houvesse uma intenção de alijar por que não há espaço para todo mundo. Por exemplo, não vou botar uma biblioteca lá no Subúrbio, sabe? Espalhar bibliotecas. Você não vê isso aqui, sabe? Nem nos shoppings, livrarias, lojas para vender livros, você não vê espetáculos culturais, com a exceção das Lonas (Areninhas Culturais) com espaços organizados. Você vê mais entretenimento, e entretenimento é uma espécie de fuga, pra aliviar, mas que no final das contas não alivia, acaba não aliviando, só vicia. Por que quando você vivencia uma cultura e entende aquilo, se emociona com aquilo e você compreende o porquê daquilo estar ali. Cara, você sai outro, sabe? Você já não é mais a mesma pessoa que entrou, você sai outro. Você pode não perceber a princípio, mas você começa a ver o mundo diferente, você já foi estimulado, a mente está fervilhando. Aí de repente você é do subúrbio, aí vai ver um espetáculo lá, você não tá acostumado, né? - Um exemplo, isso já aconteceu muito comigo em projetos sociais: o pessoal fica pasmo com uma peça teatral, com músicas, tal, aquela pancada. O pessoal sai como?! Tanto para criança quanto para o adulto - A primeira coisa que o adulto vai fazer é beber uma cachaça...

O artista deve ser capaz de receber qualquer comentário, o ruim é quando não tem nada, quando ninguém comenta nada, um vazio, aí tu olha assim... nenhum sussurro, entendeu? Então de certo modo, você tá no caminho quando há algo positivo ou negativo, tá no caminho. Isso já aconteceu comigo, de um ou outro músico falar, e aí eu percebi que eu tinha sede de outras vertentes. Já dizia a poetisa Gilka Machado: 'A arte é a ânsia de conter o mundo numa expressão'. Você sofre isso, sabe? É sofrido, você sofre. O processo é sofrível, não é fácil. E as suas expectativas em relação a você... E a gente vive num mundo externo que culturalmente, atualmente, não te favorece muito. E tem outro aspecto: o Subúrbio tá tão acostumado à uma rotina que se a galera soubesse do direito que cada bairro aqui tem, por exemplo: cada bairro desses que tem aqui, se você chegar na prefeitura para reivindicar uma biblioteca pública, o estado teria que fornecer isso, tá lá na constituição. Se o pessoal pedir: 'Eu quero uma praça, um anfiteatro para estar fazendo evento' o Estado não pode negar, está sendo solicitado, e é pra área cultural, para área de eventos. E aí eu acho que o grande obstáculo que eu enfrentei, que eu parava e pensava, é que em todos os projetos que eu participei é que: você chega e tira da favela, pego um garoto de favela, ele é fantástico, dança muito, pode ser um bailarino. Esse garoto tem que ser acolhido por uma outra instância, sabe? Ele não pode voltar, ele foi sensibilizado, ele não pode voltar mais, eu abri uma porta nele que ele não pode voltar mais, ele vai sofrer muito. Aí eu parei e pensei muito, é que nem colocar um projeto de dança na Nova Holanda, mas o cara é da Baixa do Sapateiro e não pode ir

pra lá por que é rival, a parada é tirar, por que todo mundo se une fora da favela pra sair da miséria, não adianta nada botar lá dentro e a bala comer lá dentro e ninguém poder ter aula. Os próprios moradores falando isso: ‘a parada é tirar daqui e botar lá fora que o pessoal sai daqui’. A parada é estimular sair daqui de dentro. E eles querem sair. Quem tem um mínimo de discernimento, por que inteligência todo mundo tem sabe? Principalmente se ele é da zona-sul, se ele descer pro asfalto ele vai pra onde, Ipanema, Copacabana? Ele vai acabar descendo pra onde? Pra cá: Subúrbio. Ele vai vir pro Subúrbio. Que é a área onde a maioria de quem tava morando na zona-sul, vem pra cá. Estrategicamente, a história vem mostrando isso e os deslocamentos humanos no Rio de Janeiro foram motivados por questões econômicas e políticas, então tá sempre por trás disso. Não foram assim, essencialmente culturais, havia um peso ali nessa questão. Isso influenciou culturalmente? Pra caramba, por que boa parte do subúrbio aqui residia na zona-sul, do meio dos cortiços da lapa pra lá. Aqui existia um ou outro, mas depois: ‘vrau’! Cada um pegando um terreno, encheu. Tanto que até hoje tem terrenos aqui que não tem título de propriedade, não tem registro, não tem nada cara. E o cara montou o barraco dele aí, ele monta um gato e vai levando a vida por que isso já se tornou cultural. Querendo ou não, se tornou cultural. O grande problema é esse, quando se torna cultural. Se é algo produtivo, no sentido de que vai trazer algo construtivo para nossa cultura: Legal. Se é algo que vai desfigurar o que a gente tá vendo no espelho: aí já não é. Por que eu acho que no momento o Brasil e o Rio de Janeiro estão vivendo uma fase assim. As pessoas têm que perceber isso. Há um desfiguramento cultural em relação à sua própria identidade e imagem. Não precisa sair pra zona-sul e para algum outro lugar e tal. Você sente uma movimentação diferente, não adianta dizer: ‘o carioca é feliz, ou que é o espírito e a alma do carioca. Essa coisa...

‘Triste da nação que os Reis são cegos, os Sábios são mudos e os Guerreiros apenas lamentam’. Devemos tomar esse devido cuidado hoje, que é o que eu mais tenho visto por aí: Reis cegos, Sábios mudos e Guerreiros que só lamentam.¹²

ESTAÇÃO DA LATA

¹² Entrevista cedida por corsário, grande mestre das percussões e músico residente no bairro de Realengo.

A Lata Doida existe oficialmente desde 2008, mas antes de 2008 já fazia oficinas em comunidades em Realengo. Em 2008 inaugurou sua sede física para realizar atividades, oficinas, projetos sócio-culturais ambientais, tanto ali como ações itinerantes no bairro. A Lata Doida é uma organização que sempre desenvolveu uma série de projetos, com e sem apoio, a maior parte deles sem apoio. De 2014 pra cá a gente foi reconhecida pelo Ministério da Cultura como ponto de Cultura, muito também por conta da oficina que sempre realizou, denominada “oficina de música sustentável”. Realizava-se nessas oficinas a confecção de instrumentos a partir de reaproveitamento de material, aulas teóricas e práticas de música e aulas de capacitação técnica para operador de áudio.

A Lata Doida realiza também oficina de artesanato, eventos no bairro, encontro semanal com catadores e catadoras, encontros voltados para as mulheres, além de trabalhos ambientais em parceria com escolas públicas da região. Sempre participando de redes com outros projetos, com outros coletivos culturais do bairro como o Sarau do Calango, Maria Realenga, Espaço Cultural Viaduto de Realengo, a Lata Doida promove muita movimentação cultural no bairro de Realengo e adjacências, organizando fóruns e atividades voltadas para a promoção de uma cidadania ativa..

O material utilizado para a confecção dos instrumentos, sempre foi coletado e separado pelos catadores e catadoras, a maior parte deles os catadores acabam levando e vendendo pros ferros-velhos mas parte dos instrumentos que são confeccionados nas oficinas são feitos a partir desses materiais e a outra parte vai sendo coletada mediante a necessidade do instrumento que se deseja produzir. Parte dos materiais que os catadores ou que as pessoas trazem para a sede da Lata Doida são utilizados para fazer os instrumentos, mas a maior parte é encaminhada para reciclagem, pois não tem como fazer tantos instrumentos assim, e há ainda os instrumentos que exigem materiais específicos. Muitas vezes as oficinas são realizadas para a confecção de trompetes de garrafa pet. Às vezes elas ocorrem em outros locais, fora da sede, em algum lugar externo ou algum outro ponto de cultura. Mas sendo realizadas fora ou no próprio espaço, são utilizadas, em média de 20 a 40 garrafas pets, além de outros materiais que são trazidos pelos catadores. A exemplo disso temos um contrabaixo, que em sua confecção foi utilizada uma calota que um catador que trouxe. Teve uma vez também que ocorreu uma campanha para os moradores trazerem tábuas de carne velha, tábuas de madeira e coisas do tipo, uma delas foi reaproveitada para fazer

uma guitarra. Enfim, galões ganhando nova utilidade em forma de tambor e uma outra série de materiais que abrem os mais diversos tipos de aproveitamentos possíveis.

– --dentro da lata

“Eu acho que as periferias como um todo são vistas como área de depósito da classe trabalhadora, e não como espaços de moradia onde o cidadão, contribuintes, do orçamento da cidade, tenham um tratamento digno e característico do lugar onde eles de fato ocupam na sociedade. Então a cultura fica num lugar mais crônico ainda, por que ela não é um item de primeira necessidade no sentido de manutenção do corpo, então eu acredito que por conta disso a gente não tem uma política pública de cultura que garanta esses direitos ao acesso à equipamentos culturais nas periferias e acredito que por isso que a gente (ponto de cultura Lata Doida) existe, por conta dessa ausência do poder público na garantia do direito aos equipamentos culturais. E é isso, acho que vem dessa concepção de cidade negócio onde as periferias abrigam as pessoas que são o braço dessa cidade negócio e não são o alvo dessa cidade, né, no sentido de usufruir dos produtos dessa cidade, essa cidade não é pra quem trabalha pra ela mas pra quem tem o maior poder de consumo do que ela produz.

Eu acho que por mais que o poder público seja omissor, na garantia por meio de equipamentos, orçamento para que as atividades artísticas aconteçam, a arte emana das pessoas, e os artistas mesmo sem perceber acabam fazendo voluntariamente, ou de modo precário, no sentido da estrutura assim, o que o poder público deveria garantir. Então eu acho que os artistas periféricos como um todo que se mobilizam pra garantir, pra fazer arte, oferecer arte pras pessoas, com os recursos que tem, por meio da organização, mesmo, coletiva, comunitária, acabam contribuindo muito para essa subjetividade dos periféricos, para essa identidade dos periféricos para garantir que a gente se humanize mais. Digo ainda, que esses artistas periféricos são fundamentais para garantir o mínimo de equilíbrio, de espírito comunitário, de sensibilidade, de humanidade que existe na periferia. E ao meu ver muito mais do que nos centros que têm todos esses serviços garantidos mas dentro de uma lógica de consumo. Eu acho que a arte nas periferias acontecem de modo muito mais orgânico, tanto é que todas as tendências, tudo que o mercado acaba se apropriando, de certa

forma, à nível local, internacional é fruto do que flui na periferia, do que emana dos artistas periféricos. A gente sempre foi a vanguarda e nunca foi reconhecido por isso. São os artistas periféricos que ensinam à sociedade como um todo, de todas as classes a pensar e sentir a realidade. Eu vejo dessa forma.

Sinto que a realidade muda porque a realidade objetiva é sempre fruto da subjetividade. Penso que o concreto surge a partir da ideia, e a arte é essa máquina de produzir ideias, de influenciar nas pessoas por dentro, e os artistas periféricos geram uma grande transformação na sociedade, uma vez que eles estão aí construindo essas subjetividades, essas ideias e essas emoções sobre o mundo. Isso sempre foi o centro das coisas e as pessoas não reconhecem, né. Essa subjetividade que é construída em muito pela arte e pela arte periférica nas pessoas.

Temos esse exemplo agora, do parque urbano que está sendo atraído para o bairro, por uma luta política mas que passa muito pelo caráter cultural. Tem membros antigos desse movimento que eram artistas e tem o movimento agora que surge a partir do Lata Ocupa, que é uma iniciativa da Lata Doida que é uma organização cultural que trouxe os artistas pra lutar objetivamente no campo político, e eu acho que o futuro já tá acontecendo no presente, a gente tá vendo a contribuição de muitos artistas locais na realização de algo concreto, na participação, no protagonismo de uma luta política e eu acho que as periferias sempre vão ser a vanguarda dos processos que acontecem na sociedade como um todo. Os artistas têm esse poder de captar o que está acontecendo e traduzir pras pessoas a partir das suas subjetividades e, futuro, presente, passado é fruto do que acontece primeiro no campo das nossas ideias e emoções para depois ir pro campo concreto.

A nossa estética é sempre fruto do que a gente vive, é uma presença de alguma forma, e a Lata Doida tem uma tensão grande a todo esse ruído, a todo esse caos. Ela tenta trazer isso, meio que na sua estética musical, vejo isso nessa coisa da utilização dos resíduos, do lixo, o que de fato acaba influenciando uma sonoridade que traz um pouco isso pro campo musical. O nosso envolvimento político nesses processos que acontecem na região também influenciam muito no modo da gente se expressar a partir desses objetos sonoros que a gente coloca ali, a gente é muito, de certa forma, antenado nessa consequência dos processos globais, sobretudo na dimensão do local, né, a gente vive no mundo onde esse local é muito atento à esse nosso lugar de perceber a realidade e de um modo muito crítico, acho que isso tudo vem no som.”¹³

¹³ Entrevista cedida por Vandré, músico e idealizador da Lata Doida; Vandré é um inventor que em seu quintal faz dos mais complexos tratadores acústicos aos mais distintos berimbaus de cabos de vassouras e vibrafones de tampa de panela. Criativo, dedicado e gente fina, Vandré é uma parcela viva do lugar onde vive.

precisei cruzar os trilhos pra chegar até aqui

ÚLTIMA ESTAÇÃO

Para chegar até a estação, antigamente, era necessário subir uma escada que é bem estreita e fica situada na lateral do viaduto. Vizinha da praça do canhão, da escada dava pra ver as pipas presas nas árvores, as linhas com o cerol colorido e um cheiro de chuva no ar.

Quem vem de fora acha estranho um acesso tão estreito à porta da bilheteria da última

estação ao ponto que vê uma estação tão cheia: “será que eu cheguei muito atrasada? Será que toda essa gente espera há muito tempo?”

Logo ao entrar, percebe-se um fluxo contínuo de pessoas chegando pela parte interna dos trilhos e subindo a plataforma com os sapatos sujos de pedra e aço queimado. O trem não é um ser místico que corta o subúrbio, mas o contrário. O Subúrbio¹⁴ é uma magia que circunda o trem cortante.

Os papéis de bala, guimbas de cigarro, copos de guaracamp e garrafinhas pet são estrelas naquele céu que é chão, naquele chão de pedras, naquelas pedras extraídas da maior reserva de floresta urbana do mundo.

Enquanto os passos estrangeiros indagam a espera e a entrada, os passos de quem mora ali caminham sobre seus quintais. A última estação é aquela em que sempre se para, pela qual todos os dias se passa e por onde o sol nasce a cada contorno da esfera. É nela que se mora e é dela que se vive, ela faz teto sem estar por cima de qualquer parede e morada ao passo que retornamos todos os dias à ela, ao espírito de quem a construiu e de quem a reconstrói a cada dia.

A última estação não é cidade, tampouco está na cidade.

Aqui não tem mar de água salgada, mas de concreto e fio cobre. Aqui os pássaros rangem e os automóveis cantam, os troncos de concreto¹⁵ e os postes de seiva, a mesma seiva bruta que constrói todos os dias onde em qualquer outro lugar poderia destruir. São os vergalhões das grades da estação as vértebras por onde se penduram sua própria ossada, frágil e carinhosa.

Ela arde ao sol mais quente, pende às horas mais vagarosas e atende pelo nome de casa. Ela não possui endereço nem sequer se situa em uma rua. Pelo contrário, as ruas se situam partindo dela, os endereços são guiados por elas, os bairros surgem dali. A chuva não molha a estação, somente o sol a inunda até nos dias mais chuvosos, mesmo que através das memórias de seus transeuntes, memórias dos dias ensolarados e ardentes de onde surge a vívida sensação de se estar nela, de morar nela e dela, de se alimentar nela e dela, viver nela e dela e finalmente ser nela e dela.

Ela diz em seu cantar maravilhado, arrancado de seu filho mais novo que corta seu chão com suas toneladas de aço, carne, osso e algodão¹⁶, que aqui não é uma terra de pessoas e ruas

¹⁴ Um lugar onde veias e artérias assumem o papel de ruas e avenidas, esse Subúrbio, com letra maiúscula, pronuncia o som dos seus carros, esse Subúrbio canta. Trata-se de um território que surge em vida, pode ser cortado e pode sentir, não como sente um corpo humano mas como sente um corpo suburbano.

¹⁵ “[...] Árvore de gente/ Tronco de concreto e metal [...]”(FRANCO, 2023). Uma canção do Subúrbio traz consigo uma trama de sua fiada, um retrato das suas partes mais íntimas e nos convida a mergulhar nas suas paisagens. Esse trecho de música suburbana é a primeira aparição de uma mescla: música e texto, aqui ambos aparecerão.

¹⁶ “Nos separamos/ Nos molhamos/ Nos movimentamos/ Somos carne, osso e algodão[...]”(COSTA, 2021). Quando um saco plástico dança com os redemoinhos de poeira e folhas secas: o balé das

frondosas, nem sequer margem para qualquer coisa.

A última estação é o centro de tudo. Escada não é subida. Grade não é proteção. Subúrbio não é cidade.

Isso é um dizer-subúrbio.

ESTAÇÃO CENTRAL

O centro é aqui, da última estação pra lá.

Para quem mora do lado de dentro do trilho, o trem não é só um elevador horizontal, máquina de trabalho¹⁷, caixa de sonhos de quem sonha às quatro e meia da manhã. Ele também é despertador. Na estação do piscinão, estação de transferência e condomínio para quem mora na parte interna dos trilhos, essa entidade, o trem, chega mais cedo, mais perto e mais amigo, funcionando também como um despertador. O primeiro trem sai de lá às cinco e as pessoas que entram nele ainda sonham porque ainda estão dormindo. Estão dormindo porque ainda sonham.

Sim! Na parte oeste da cidade, onde o sol escorre pelos fios de cobre dos postes¹⁸, ainda existe quem sonha, tem mais gente que sonha do que gente que dorme. Há algum tempo atrás existia uma árvore guardadora de pipas, talvez ela estivesse lá antes mesmo da linha férrea, hoje ela se mudou para outro lugar. Ela protegia as pequenas casas do sol da tarde e era protagonista dos sonhos de um senhor que conheci. Ele dizia que não sabia se, em seus sonhos, a árvore era muito grande ou ele era muito pequeno, mas que tentava incessantemente chegar ao galho mais alto e sempre acordava antes. Naquele tempo, ele dizia, o trem não chegava tão cedo. Era um outro tempo, tanto nas décadas do calendário quanto nas folhas de ponto das fábricas. Aquela linha de trem chegava somente até a estação da fábrica que ficava logo ali do lado, as *composições*¹⁹ do

calçadas. Nós, vestidos e humanos, somos de carne e osso mas também do algodão de nossas roupas, ou seja, já sintetizados pelas vestes de algum tecido que não corresponde à natureza da nudez. Para estarmos, precisamos estar sintetizados, do contrário não podemos estar.

¹⁷ “Elevador horizontal/ Máquina de trabalho/ Ela guarda os sonhos nobres dos pobres[...]” (FRANCO, 2023). Não são todas as canções que dizem-subúrbio, mas algumas trazem consigo essa aparição. Na canção “Árvore de Gente”, o compositor Adil Franco narra a estação de trem em suas primeiras horas de funcionamento, do ponto de vista de quem pega o trem.

¹⁸ “[...] Na parte oeste da cidade/ Onde o sol escorre/ Pelos fios de cobre dos postes[...]” (FRANCO, 2023). Comum ao corpo suburbano, as altíssimas temperaturas dos dias ensolarados, agravadas pela majestosa Pedra Branca e por sua totalidade territorial coberta quase integralmente por concreto e metal, asfalto e máquina, aqui, Adil fotografa ainda em sua canção “Árvore de Gente” essa característica fundamental do corpo suburbano.

¹⁹ Uma canção é uma Composição, num Subúrbio que canta há também um Subúrbio que compõe. Daí a sua ligação ininterrupta com a musicalidade, daí também a importância da musicalidade em seu

trem eram diferentes, o sol era menos quente e não eram necessárias escadas ou catracas. Essa guardadora de pipas me faz lembrar do homem minúsculo que escala todas as vezes que penso nela. O homem que guiado por um ímpeto de ver a estrela brilhar no seu chapéu²⁰, tocar o céu e ver a coluna vertebral de aço do subúrbio ser cortada por esse ser místico que guarda sonhos. Esse homem falava das plantas que haviam por baixo das plantas²¹ que haviam, montando um universo infinito, ele se torna um senhor que lembra dos seus sonhos e por fim uma criança que escala em busca da estrela, em busca dessa visão que não chega e que não vai embora. O homem poderia ter qualquer nome, o senhor, igualmente. A criança não. O nome da criança só poderia ser um: João.

Não por qualquer outro motivo que seu próprio nome, seus próprios sonhos, sua própria árvore e suas próprias pipas. Ainda hoje elas colorem o céu do subúrbio, a quilômetros infindáveis de altitude, como quem tenta entrelaçar sua linha a uma estrela qualquer a fim de apará-la e trazê-la para mais perto. Suas pipas, invisíveis à quem beira os muros da estação, são os sóis dentro do trem, elas ofuscam qualquer outra paisagem e ganham força e vida de dentro da máquina que guarda os sonhos de João, a mesma que torna possível a escalada de sua árvore gigante. Até hoje essa árvore persiste naquele lugar, só que no mundo dos que têm o trem como despertador.

A árvore ainda existe. O homem, o senhor e a criança sonham. O trem é uma ponte. Subúrbio não é cidade.

Isso é um dizer-subúrbio.

----- A RUA DAS CARRANCAS

dizer. Uma Composição também carrega sentido de trem, composição de trem, nesse duplo sentido evoco *composição* que reconfigura uma mescla entre os dois sentidos da palavra para que a expressão possua, aqui, toda a sua força.

²⁰ “[...]Do Homem que procura o choque das costas com o chão/ No ímpeto louco de ver a estrela brilhar no seu chapéu[...]” (COSTA, 2019). A Canção “João” conta a história de um menino que caiu da mangueira, dessa árvore gigante que sombreia os nossos trilhos. Composta por Yuri Costa e Adil, ela aparece nesta cena, uma mescla da história das nossas árvores e memória das nossas sombras. O menino morreu.

²¹ “Das plantas por baixo das plantas que eu não consigo ver[...]” (COSTA, 2019). Yuri Costa mora numa casa que quase não tem muro, é tão baixinho que se não fosse pela grade, nem precisaríamos usar o portão para entrar no seu quintal. Nessa canção, a mesma da nota acima, essas plantas que se emaranham em todos os tipos e tamanhos, umas por baixo das outras, nos emprestam uma noção de que não há fim e nem início, grau de importância ou consecutividade na apreensão do mundo, que em diversos sentidos nos escapa à vista.

A ordem das estações não altera o subúrbio.

Correndo pelo relógio as horas são como os vagões. Elas entrelaçam a si mesmas nos minutos, que por sua vez embola com os segundos numa infinita teia de rabiolas de fita e jornal. É curioso uma pipa, na maioria das vezes ela é quem segura o soltador, num jogo de quem voa mais alto, de quem voa primeiro.

Quando a pipa vai mantendo o sujeito na outra ponta da linha, ele serpenteia seus braços, grita seus sorrisos e engole seus sóis. A partir do momento em que a pipa avôa de seu soltador, ele começa a ir pro trabalho de manhã cedo, antes do primeiro trem já tá de pé, vive de cara fechada e é obrigado a engolir seus sapos. Que vantagem é essa deixar de colorir o céu?

Aqui se brinca muito, se joga muito, se vive apesar do contexto do trabalho.

Todos os bairros adjacentes à linha carregam em seu nome uma estação²².

O soltador de pipas e o trabalhador assíduo, geralmente, são a mesma pessoa nesse lugar onde a infância e o trabalho atravessam toda a vida, onde os trilhos e as estações atravessam todas as ruas, essas feitas de um feitiço cotidiano; Uma mistura de tempo e céu, cor e chão, cinza e vento, gente e linha. Há que se afirmar aqui que as barricadas e quebra-molas são carrancas, guardiãs das crianças-mães-e-pais que habitam essas ruas de pedra, madeira e trilho. É comum que se utilize uma carranca no intuito de proteger uma casa, também é inegável sua propriedade embelezante. Uma carranca tem a função de zelar pelo lar, lugar onde se faz morada, lugar de conforto, marcado por um sentimento de amor pelo espaço em que se vive.

Passando pelas ruas adjacentes à última estação, aquelas às quais se misturam organicamente aos trilhos do trem e ao pó de aço, produto de seu rastro, de sua passagem e de seu trânsito, risco metálico fragmentado que assegura desde a garantia de sua permanência ao alívio de sua volta, é nítida a carranca-quebra-molas e a carranca-barricada. É nítido o feitiço de sua presença nessas ruas. Quando se desce ou se sobe na última estação, a passagem por essas peças de concreto são inevitáveis, se para chegar até aqui precisei cruzar os trilhos, para chegar até os trilhos precisei ser cruzado pelas carrancas-barricadas-quebra-molas. É tão fácil olhar pras referidas obras de arte suburbanas, feitas de concreto, Estado e medo e enxergar um artifício de proteção das ruas quanto olhar para uma carranca de madeira, dessas mais comuns e ter a mesma impressão. Elas servem para proteger as nossas casas, e quem sente medo delas, certamente não mora aqui. Elas se mesclam entre si e chocam duas dimensões de proteção e trabalho. Ao ir

²² O nome dos bairros da zona oeste tem o mesmo nome da estação à qual ele faz adjacência. A estação de Realengo dá nome ao bairro, ou seja, o bairro se chama Realengo pois a estação dá nome à ele. O contrário seria a estação levar até o bairro, por isso o seu nome. Aqui não, a zona oeste se constitui tendo a linha férrea como referencial.

trabalhar, o sujeito utiliza-se do artifício da carranca para proteger a casa dos espíritos ruins que porventura possam invadir e tomar seu lar. Há uma diferença entre passar pela carranca e entre deixar-se cruzar por ela. Quando é permitido a uma carranca nos cruzar, a ela é emprestado algum sentido, que numa espécie de relação simbiótica permite também a anexação da mesma em algum lugar de cuidado no corpo suburbano, ou seja, alguma mandinga acontece ali que à ela também se empresta uma parte desse corpo que a respeita e reforça.

Quando o quebra-molas é a obra de arte que embeleza e protege as nossas moradas, a rua se torna o nosso lar mais comum, lar mais coletivo, nossa casa menos privativa, e justamente por isso, de cada um de nós. Esse lugar de cores horários, pipas trabalho, ruas trilho e estações bairros se transforma ao decorrer das fases do ano, que acompanham as férias e festas, as escolas e os relógios. Existe um tempo onde as pipas emprestam mais cores ao céu, as barricadas mais requinte à rua, o quebra-molas mais beleza ao chão e ao lar de todos nós muito mais infância, muito mais comemoração e muito mais vida. O caráter estático das carrancas, a priori, empresta possibilidade de movimento aos corpos que dela se valem pela sua proteção, afinal seria bem mais difícil sair de casa sem um feitiço ou mandinga ou magia que fortaleça esse corpo que precisa trasladar tantas horas para garantir o seu provento. Em tempo de jogar nossos corpos nutrem de infância o céu e as barricadas, os trilhos e quebra-molas, as ruas e escolas para que elas possam, no tempo do trabalho, nutrir-nos de sua proteção e beleza, memória e tradição.

Barricada não é barreira. Quebra-molas não é relógio. Infância não é trabalho. Subúrbio não é cidade.

Isso é um dizer-subúrbio.

----- **A PRAÇA DO VENTO**

Na praça do vento as folhas correm, os pesados tabuleiros de concreto repousam frouxos em seus pilares, dançando com os paralelepípedos e interligados por uma vértebra²³ de vergalhão enferrujado. Os batentes que circulam um caminho feito de pavimento são interrompidos por uma raiz gigante de amendoeira²⁴. Geralmente é quente de dia e úmido de noite. A paisagem é ferida através de múltiplas sonoridades, há quem cante, quem batuque e quem converse e, nos entremeios das conversas, há também quem interrompa, quem cumprimente e quem chegue, há quem vai e quem passa. As grades que compõem um campo de futebol tem uma potência de varal que é explorada por uma feirante, lá ela expõe seus quadros de letras miúdas²⁵. É uma poesia em disputa, poesia que é sonoridade acompanhada pelos sons que as palavras têm quando lidas. O som daquilo que lemos, daquilo que pensamos, cantamos, ouvimos e dançamos, numa praça onde há uma raiz que atravessa um caminho de concreto, um pavimento que rasga seu chão de terra batida e deforma em palco e poesia. Uma *composição*²⁶. Seguindo a grade e o pavimento, nasceram as barracas e os trailers de lanche das sementes de Subúrbio²⁷ que ali foram plantadas no chão²⁸. Esses frutos trazem um cheiro que atenua, entre a terra molhada e a fermentação das folhas, um olfato de memórias, as que vieram antes daquele dia, as que ocorrem no momento presente, e misteriosamente, as memórias que ainda nascerão. A praça traz consigo uma constância, uma recorrência e uma consistência de estar sendo daquele espaço uma poderosa fonte de acontecimentos inevitáveis, marcados principal e desenfreadamente por seus agentes. Ela não cabe

²³ Nesse Subúrbio, há a presença de vértebras de um corpo vivo onde em qualquer outro lugar poderia ser apenas ferro. Essa propriedade viva do Subúrbio é também detentora de seu caráter de aparição.

²⁴ Em sua aparição, esse Subúrbio não se separa da natureza. É parte dela e nasce de infinitas sementes de memória, história e vida. A raiz da árvore está em disputa com o pavimento de concreto, assim como no jogo da Caosgrafia, a raiz intervém o pavimento e conclui sua jogada ao ponto que interrompe a passagem projetada como caminho, a raiz deforma com seu rasgo vivo o concreto vivo da praça que é corpo suburbano. O pavimento por sua vez faz sua jogada transmutando seu tecido rígido em aparato rasgável e questionando o caminho estabelecido de sua passagem.

²⁵ A vizinhança de Brotas de Macaúbas comemora até os dias de hoje a data de 3 de maio de 1926. Nasceu Milton Santos e com ele sua obra. Nela há que “é o uso do território, e não o território em si mesmo, que faz dele objeto da análise social. Trata-se de uma forma impura, um híbrido, uma noção que, por isso mesmo, carece de constante revisão histórica. O que ele tem de permanente é ser nosso quadro de vida.” (SANTOS, 2002).

²⁶ Composição aqui, refere-se mesmo à ideia que se têm sobre o ato de compor uma canção, seja em seu aspecto poético/literário ou em seu aspecto rítmico/melódico e, ao mesmo tempo, referindo-se (a expressão composição) aos vagões do trem, que são chamadas composições. Aqui esta ideia é uma força abstrata que deforma esses dois sentidos da palavra composição (à princípio, pois durante a leitura, um leitor pode conferir indeterminadas deformações acerca desta palavra “silhueta”, que não define uma imagem e serve como um coringa).

²⁷ Esse Subúrbio surge com voz, ele tem vida, é um nome. Sendo o subúrbio algo que carrega sentido de região ou categoria. Aqui o Subúrbio é portador de uma potência *onde ele mesmo fala*. Por isso maiúsculo.

²⁸ A paisagem da praça ganha força em sua potência de árvore, com seus frutos cuidadosamente plantados, permeada por sementes de Subúrbio a praça aparece como um corpo suburbano, por isso vivo e pulsante em cada uma de suas esquinas-galhos, bancos-folha, barracas-fruto.

numa enunciação cronológica do tempo, onde o fato ocorrido deve preceder alguma memória, aqui ambos perdem sua força. A certeza da agência da praça em qualquer futuro imaginável atravessa a mera idade humana e suas décadas geracionais, não pela desimportância dos acontecimentos epocais mas por seu caráter acelerado de aparição. É nesse momento que a praça vira sol, ignorando o peso mínimo dos séculos e aparecendo em todos os dias, mesmo aos que precederam sua existência enquanto praça. Me refiro a uma praça que, do momento em que existe, as propriedades temporais que a constituem perdem força frente à velocidade de sua aparição e ingerência de sua presença. Aqui não venta, não brisa e nem refresca. Aqui umedece e dimensiona, inclui e dignifica. Aqui é nosso teatro, nossa feira, nossa cozinha e copa, nosso palco e passagem, nosso sangue e medo. Nossa resistência e escola, Aqui nossas memórias vividas, aqui nosso espírito e umbigo. Nosso Semba.²⁹

Os ventos que não passam pela praça, ainda são os ventos. Esses ventos da praça que não venta, aqueles que não tem - sim, na praça do vento há o vento que não tem, e outros ventos marginalizantes possibilitados pela agência constante da máquina do Estado, por uma faceta do que há pela sua ausência³⁰. Nesse ponto, a Praça conhece as forças que pretendem esse espaço como impossível à forças que o possibilitam, respondendo a isso com a magia de sua presença. As forças possibilitando são deformadoras de um espaço preferido como lugar de não haver. São forças deformadoras todas as personagens dessas estações-ruas, grades-praças, palcos-viadutos, guardiões-trens. E muito se fez necessário para que chegássemos até aqui. O mover de um corpo suburbano carrega consigo as suas ruas, estações, aços-escadas, barricadas-quebra-molas, suas Carrancas.

Pavimento não é passagem. Grade não é poesia. Tempo não é ventania. Subúrbio não é cidade.

Isso é um dizer-subúrbio.

----- A ÓPERA DOS GUARDIÕES

²⁹ No ritmo musical e na dança Mاسsemba de Angola, os corpos bailam. Nesse bailar, uma manobra, uma jogada se realiza em que um dançarino dá uma barrigada no outro. Isso é o Semba, algo que envolve música, dança, jogo e o encontro entre barrigas, entre umbigos. Na tradução livre do Kimbundo, Semba é umbigo, ou umbigada.

³⁰ Sem a quietude de suas bordas, as palavras desformam. Perdem a utilidade de polir monumentos. Mostram-se mais disponíveis a usos menores. Como dar passagem àquilo que não há, que não é, e que, no entanto, irrompe, acontece. (CABRAL, 2013).

...e chovia.

Um toldo cedido por uma das barraquinhas de petisco e cerveja que ficam na Praça do Vento, umas 12 pessoas, muita vontade e um músico amigo foram o suficiente. Voltando de um show que fez numa churrascaria próxima por acaso passou na frente da Praça, viu uma movimentação por lá e resolveu parar e oferecer o equipamento para que o evento cancelado pela chuva, mesmo assim acontecesse.

Que forma melhor de cuidar da Praça, da rua, do Sarau, dos vizinhos, dos amigos que ali estavam embaixo do toldo em uma noite de chuva?

...e chovia.

O pesado equipamento de som foi ligado por uma força deformadora³¹ que o transformou em um grande berrante nesse sertão molhado. Em cima das mesas de plástico cultivadas debaixo do pequeno toldo, protegidos estavam os berrantes elétricos de maneira improvisada com algumas lonas disponíveis: e assim foi realizado o primeiro Sarau do Calango de maneira presencial após dois anos de encontros virtuais. Com quem pôde ir, com as ferramentas que o acaso e o encontro nos presentearam e com muita chuva.

O Sarau do Calango comemorava sua edição de número cinquenta e um, os artistas presentes cantavam seus Subúrbios e recitavam suas *composições*, trocavam na praça as zines e livros elaborados durante o isolamento social, além das novas canções e crianças, os filhos e as filhas que ainda não conhecíamos...

Um Guardiã do fogo da Praça falava um pouco sobre a arte de fazer cachimbos, mostrou um que tinha feito sob medida, disse que nos dias de chuva achava mais adequado que o cigarro: o papel molha e o fogo apaga, o cachimbo não... Uma gota, então apagou o cigarro aceso ao lado e o argumento do velho Guardiã se reforçou, enquanto a conversa rolava debaixo da amendoeira cuja copa amenizava as gotas da chuva forte e a raiz contornava a borda de uma enorme poça.

...e chovia.

O inverno acabara de chegar, e por aqui os invernos são quentes.. Mas o caso não é esse – em um tempo em que estar sentado na calçada, repousado sobre uma cadeira em frente ao portão tornava possível o luar da vizinhança, nunca foi tão concreto uma Realengo tão silenciosa e já havia passado o tempo mais que necessário para seus berrantes tornarem a cantar.

Dois anos depois, no início do inverno de 2022, onde o sol é forte e constante pela ausência das nuvens que o amenizam do céu, o Calango finalmente dá o ar de sua graça e sai de

³¹ A agência entre os copos presentes: a chuva que cancelou o evento cultural em praça pública, os guardiões que por ali passaram, o carinho pela espaço e pelas pessoas que ali estavam, a vontade de realizar o encontro apesar das condições que o tornam inviável - são todas essas personagens a referida força deformadora.

sua toca, com chuva e raiz, com toldo e berrante.

...ainda chovia

Naquele dia a Praça do Vento ficou iluminada. Eram as lamparinas da saudade, elas podem ser encontradas nos olhos de quem não se vê a muito tempo, são acesas através do abraço e mantidas pela força do encontro. A chama dessa lamparina é o fogo pelo qual o velho Guardião é responsável em proteger, ele é a entidade viva que zela para que essa luz não se apague. Por isso mesmo ela continua acesa, também por isso ela nunca se apagará, igualmente por este motivo ela sempre esteve acesa, antes da praça e dos berrantes, antes das raízes e pavimentos, assim será também depois, até que o tempo esgote e a chama que carrega essa força ainda forte e ardente presencie seu descanso.

Tempestade de alegria!

Apresentado pelo Guardião das Palavras, figura importante na ativação cultural da região, o Sarau do Calango comemorava seu sexto ano de resistência naquela praça que deixa seus ecos se espalharem pelo Subúrbio junto com seus frutos. E crescem cada vez mais sementes pelo nosso chão.

A Praça do Vento é um triângulo e o Sarau do Calango ocorre em uma de suas extremidades, ao meio de uma de suas retas. No centro do triângulo há um enorme espaço cheio de sementes de Subúrbio de onde se presencia a extração mais amorosa de sua seiva, de seu suco – é importante pensar que o local tem cerca de cinco mil e quatrocentos metros quadrados – e é preciso passar pelo meio da Praça do Vento para acessar o toldo deformado em palco. Nesse trajeto pude ver as mesas de concreto e suas vértebras sendo enfeitadas de gente, a calçada onde fica uma barraca-fruto que vende cerveja, cheia de cadeiras e mesas de plástico prontas para receber quem chegasse, um pequeno espaço reservado ao palco de frente pros fundo da Lona Cultural.

De cara já encontro o Guardião do fogo, em posse de um um cigarro de tabaco enrolado e me lembro do que ele me falou sobre a chuva. Nesse momento percebo que já não chovia mais, a chuva por aqui não se demora. Através de um abraço embaixo da amendoeira – a mesma de todos os dias de antes – estava o feitiço de proteção que o velho Guardião fazia, manipulando a brasa do cigarro para proteger a todos da chuva, para retomar a praça que estava entregue às águas do céu. Tentando disfarçar sua magia, ele tira da bolsa um livro que estava lendo, nele havia fotografias do subúrbio antigo que acompanharam o movimento Black Power do Rio de Janeiro da década de setenta a noventa. O Guardião do Fogo comenta ter vivenciado grande parte desse movimento que era alavancado por música, dança, ritmo e poesia, o REP – além de forte influência do Blues e do Jazz já conhecido na época – força cultural que ganhava lugar nas regiões suburbanas da Zona

Norte-Oeste do estado naquelas décadas. Comenta que aquelas casas de show, atualmente extintas, eram reduto de cuidado, que através da dança e dos samples ele cultivava em si novas formas de contato com sua própria imagem, que cada gota de suor provinda daqueles passos de dança dados de maneira sincronizada com todo o baile fazia um chão, uma base de vida, um certo lugar. E que naquele dia ele via a praça como um desses lugares, um que ressurgiu ali. Foram nesses encontros que ele aprendeu a fazer feitiço.

Mais adiante, o Guardiã das Palavras, com toda a elegância de um Mestre de Cerimônias que é, já aborda a todos com o abraço-poesia de sempre, abraço de vizinho – que muitas vezes por aqui tem o mesmo sentido de família, conta no poema que se mudou, mas que não deixa de vir aqui nunca - “aqui é meu quintal”- afirma com sua voz risonha e exclamativa..

O Guardiã das Palavras sempre fala com muito orgulho de todas as conquistas dos artistas daqui de Realengo, como quando alguém lança uma zine por mais simples que seja, um livro, um disco... É um alguém que tem muito respeito por seus vizinhos. Ele sabe o tamanho da dificuldade que o artista suburbano encontra quando se depara com o ofício da arte em sua trajetória, que é complexo capturar essas paisagens e transmiti-las pelos ventos.

O músico convidado ocupa o palco e logo aparecem as referências de lugares como o Campo de Marte, vizinho da Praça do Vento, Largo de Bangú e sua Escada Rolante, eles se incorporam organicamente ao ambiente através dos corpos presentes ali, corpos que carregam esse Subúrbio, esses campos, esses largos e essas escadas. Quando uma referência bate nas pessoas trazendo as sombras dos sorrisos esquecidos dentro da estação³² de maneira familiar e cotidiana, ou que os sóis de inverno estão deixando as borboletas pro verão³³, devido a ausência de nuvens durante o dia nessa região, ainda impressiona, mas não surpreende. Cantar a Igreja de Padre Miguel, Avenida Santa Cruz e a Favela do Curral, é contemplar essas memórias e lugares como forma de cuidado e trânsito maravilhado por entre as tradições desse chão: o Subúrbio da Zona Oeste existe e é vivo assim como quem nele habita.

O tempo e o fogo se acendem. O vento alimenta a saudade. A chuva não apaga o encontro. Subúrbio não é cidade.

Isso é um dizer-subúrbio.

³² “[...] É que os barulhos lá do centro da cidade chegarão aqui/ Trazendo as sombras dos sorrisos esquecidos dentro da estação[...]”(FRANCO, 2017). A Composição “Realengo” de Adil passeia pelo Campo de Marte, ou Praça do Canhão. Lá é comum encontrar aquelas pipas que colorem os céus e deformam sóis dentro dos vagões.

³³ “[...]Os sóis de inverno estão deixando as borboletas pro verão/ Pra muito além das coisas que não conseguimos refletir[...]” (FRANCO, 2017). Em “Realengo” um retrato comum da paisagem durante o inverno é um céu muito azul e sem nuvens, Adil não entende o motivo, mas percebe que o forte sol desta época impede que as borboletas saiam dos seus casulos.

———— CARRANCAS E CAMADAS

Um tapete verde imenso que tangencia o muro da estação anuncia o fim da rua das carrancas, a sua esquerda uma passarela para chegar ao outro lado faz vizinhança com uma casinha pequena de muro bem baixinho. Quem chega ao fim da rua das carrancas não pisa no tapete, ele é lugar de criança brincar de pique, jogar bola, soltar pipa e dançar funk. A barraca-fruto ao lado exibe uma partida de futebol. Rivalidade entre quem joga é aliança entre os que assistem. Pelas telhas quebradas, o sol das casa e a poeira de aço se fundem dando forma a particular arquitetura da rua, e por fora delas um mar de asfalto pra sair descalço no luar do dia³⁴. Por entre sacolas de lixo e carros abandonados se esconde o buraco da estação. A passagem de morador é um muro deformado pelas forças do corpo suburbano, no lugar de barreira se faz passagem. É preciso subir uma escada improvisada de dormente de trilho para chegar até o platô, é necessária a subida para entrar no trem³⁵, assim como cruzar todo o platô até a outra extremidade para pegar o trem em direção ao denominado Centro da Cidade no ramal de Santa Cruz. Quem tem a estação como quintal demora pra perceber a entrada projetada pela empresa, que fica de cima do viaduto, dela dá pra ver o BRT e a pedra redonda, esculpida no topo de uma montanha, em cima dela uma bandeira do exército. Percebe-se também a imensidão de asfalto quente que desdobra sua própria superfície em ondas de calor, do buraco só sentimos o calor, ele confirma que não é um sonho e que estamos ali. O viaduto é sonho, o buraco é a confirmação da realidade. Por cima do platô o trem feroz serpenteia e transita o corpo suburbano com sua chegada.

³⁴ “[...]Muita gente /Muito quente/ Um mar de asfalto pra/ Sair descalço/ No luar do dia[...]”(FRANCO, 2022). Adil, que mora numa dessas esquinas-galho costuma dizer quem é com o “Blues da Favela do Curral”. Antes ele dava boa noite e dizia seu nome e de onde era. Hoje ele diz isso cantando essa canção.

³⁵ O trem corre sobre os trilhos, que estão grudados no chão. Seu maquinário pesado e suas rodas imensas resultam numa altura que torna impossível subir no trem se estivermos no chão, por isso um platô de quase dois metros de altura se desenha rente ao aço dos trilhos, aí sim podemos entrar no vagão.

Dentro do trem³⁶,

As bocas se desperdiçam umas com as outras. Falam de tudo e não falam absolutamente nenhuma frase, com seus bocejos e gargalhadas silenciosas de cara virada para baixo.

Existe uma mulher presa no teto do trem, e suas frases são as mais interessantes, mas ela está a tanto tempo alí que eu sou o único que ainda acredita nisso.

Há uma figura geométrica no espelho dos seus olhos. A malha ferroviária é mais bela que o seu sorriso. Lá fora o muro passa, o cinza das suas paredes imita o vento e engana os coqueiros dançarinos.

É tarde demais para perceber que os coqueiros estavam parados como a minha cabeça dentro do trem, que se movimenta sob a linha férrea do seu rosto.

O trem é uma farsa, assim como todas as cabeças, dançarinas como os coqueiros, cinzas como as paredes que imitam os ventos que nos enganam correndo em todos os sentidos.

Eu não quero mais ver coqueiro nem vento, nem cinza nem sorriso, nem gargalhada nem teto. Até mesmo a voz da mulher misteriosa e a beleza das placas de metal. Eu não desejo mais ver coisa alguma.

Só por deus! Me tirem desse trem.

³⁶ Quando os fragmentos de sonho pedem passagem para entrar no trem, no texto, uma força rasga a continuidade de seu curso. Se faz impossível resistir a essa força. Ela, deformada por sua potência de raiz, ignora o pavimento rígido da escrita e interrompe a passagem. Ela é uma Camada.

CARRANCAS

A beleza do caminho entre os platôs é artificialmente natural, e nos dá pistas do que é esse Subúrbio, detentor de recursos naturais que nenhum deus foi capaz de criar. Sementes cinzas de montanha estilhaçada compõe o chão de pequenas pedras, que associadas com alguns troncos cortados em dormentes constituem o caminho de metal por onde corre o trem. A natureza foi aperfeiçoada por aqui. Aqui, as máquinas estão vivas neste chão dentro de nós. Nós estamos vivos neste chão dentro das máquinas. Há um corpo vivo sobre este solo que guarda o interior do vagão. O solo sangra sobre esse corpo de um milhão de toneladas. Por aqui estão as vértebras no lugar de vergalhões, artérias no lugar das ruas, galhos no lugar de esquinas. Construiu-se um outro reino que não está na biologia, que não é fungi, animal ou vegetal. Um domínio que não está no urbano³⁷, na cidade ou no rural. Cada trilho de metal atua organicamente com as pernas de seiva e cal do morador ao correr de sua travessia, seu coração de bronze e prata, seus nervos de aço, seus gritos de cobre e cérebro de grafite. Seu sangue e suor de tinta que gruda pelas paredes de carne dos muros feridos que tentam prender os vagões invencíveis desse novo deus acelerado, de ossada reluzente ao contato com a esfera mais quente de nosso sistema. O trem que transita na superfície desses trilhos, é o mesmo que transita no diamante dos nossos olhos. Não faz muito tempo essa estrela foi aprisionada na ossada de um ombro qualquer, presa sobre as ferragens do interior daqueles vagões. Ela brilha incandescente e apara a noite enluarada, debruçada sobre o pêndulo das horas, sobre o pêndulo dos corpos enlatados às cinco da tarde na volta pra casa. Na outra ponta da linha do trem, na linha da ponta da pipa, brilha e reluz essa estrela ofegante sobre o asfalto, sua temperatura dói e garante que no pé não tem mais couro³⁸ de tanto correr por esse mar

³⁷ Há uma importante distinção entre urbano e cidade, ainda que comumente e modernamente estes sejam apresentados como sinônimos, dada a pregnância desse saber nascido no século XIX: o urbanismo. Porém, é preciso destacar que, a história ocidental inaugura este conhecimento que almeja fazer daquilo que se chamava cidade objeto de um conhecimento positivo, capaz de prever e controlar suas vicissitudes. Capaz de conhecer aquilo que emergia, junto às grandes multidões, como fenômeno urbano. Com a derrubada das cidades medievais, em território europeu, e com a derrubada das construções indesejadas, como os cortiços, aqui no Brasil (fazendo-as saltar aos olhos como incapazes de despertar qualquer interesse, portanto: mais que indesejadas, mas indesejáveis), o urbanismo toma corpo e articula-se a saberes, como os da medicina social, porém deles também se desvincula, num movimento de reconhecimento de si como um saber indispensável aos novos anseios civilizatórios e das modulações mais recentes do capitalismo.

³⁸ “[...] Que no pé não tem mais couro/ A arquitetura aqui é no tijolo/ Eu moro é na favela do curral [...]” (FRANCO, 2022). A infância daqui carrega nos pés o desgaste de seu couro, no lugar onde quase não se vê mais grama ou terra, brincamos no asfalto que ferve ao sol mais quente, tentamos

escuro, afluyente entre os batentes, ondulante por entre os dedos e desconhecido por entre as cidades. No passar das décadas, cada vez mais aprisionada, essa estrela na ponta da pipa empresta às carrancas sua força e proteção, empresta pois as carrancas devolvem ao corpo suburbano essa força todos os dias pelo artifício desse feitiço, no decorrer dessa magia.

Tapete não é entrada. Trilho não é caminho. Estrela não é sol. Subúrbio não é cidade.

Isso é um dizer-subúrbio.

ESTAÇÃO DO VIADUTO

Por cima do viaduto os carros passam, caem uns sobre os outros no cantar acelerado de seus motores. Enquanto o trânsito corre pra debaixo das rodas de seus automóveis, tem um filme passando debaixo do viaduto. São containers coloridos com os mais diversos desenhos de um subúrbio que contrasta com a imensidão de concreto cinza dos altos muros da estação e seu gigantesco viaduto que se exhibe em cores vibrantes. Há um grafite de um Guardiã³⁹ pintado em uma de suas pilastras, esse Guardiã recebe a alcunha de um bairro vizinho a Realengo. Ele é lembrado por uma ocasião onde foi convidado para subir ao palanque de um candidato a deputado estadual para cantar ao vivo um grande sucesso que havia composto, esse Guardiã lembrado pelo grafite no pilar do Viaduto era MC. Ao subir no palanque, adaptou a letra de seu funk para criticar o político em questão, isso causou grande alegria para os moradores que já sabiam que o político em questão era um pilantra. O estorvo do pilantra e a sua queda se deu pelo estouro da versão da música que o MC havia cantado naquela ocasião. Não deu outra: algum estúdio musical da região tratou de rapidamente convidá-lo para gravar o fonograma adaptado para o aspirante a político pilantra, e naquela eleição essa brincadeira livrou toda a vizinhança de mais um, dentre tantos, contraventores que pleiteiam cargos públicos. Por cima do Viaduto, essas histórias são invisíveis. Visto por baixo ele aparenta ser maior do que quando visto por cima.

Um arco de concreto gigante cruza por cima da linha ferroviária, embaixo dele se aglutinam milhares de desenhos e frases de efeito. Seus três pilares coloridos apoiam o teto do nosso cinema, que só é teto pois foi deformado assim. Construído para ser um viaduto que leva os carros até o

aparar o sol com nossas pipas e guardá-lo nos vagões. O “Blues da Favela do Curral” traz essa tentativa infinita de aprisionar uma estrela inalcançável diante da cidade e cotidiana aqui no Subúrbio.

³⁹ Nosso chão, esse que tem vida, por onde crescem nossas sementes, de onde colhemos nossos frutos, têm seus cuidadores. Pros mais diversos estilos de cuidado se fazem necessários os mais variados Guardiões, cada um com seu estilo de guardar e proteger esses arredores. Nossa terra é bem guardada, bem cuidada e bem distribuída e devemos isso aos nossos Guardiões.

outro lado da linha, nem se desconfiava que aquele espaço se tornaria um centro cultural sem muros e portões, centro cultural por onde todos passam para ir ao trabalho de manhã e também na volta dele ao fim da tarde. Essa construção que existe ali, de um ponto de cultura, nunca teria lugar no projeto de cidade que o Estado tem para a região que o mesmo nomeia como suburbana. Por isso a figura do Subúrbio se faz tão presente pra esses lados de cá, pra esses corpos de carne, osso e algodão⁴⁰ as edificações do Subúrbio estão na dimensão do cotidiano, do que é possível com o que se tem. Essa *composição*⁴¹ constitui um território órfão de Estado, território adotado por quem dele faz quintal, por quem dele faz morada. Aqui essas paredes são translúcidas e intangíveis pois se faz questão disso. Nas telas são exibidos filmes feitos por moradores da região - sim, aqui temos cineastas, atores e atrizes, produtoras e produtores culturais, gente incrustada nesse chão, corpos cravados das pedras preciosas do Parque Estadual da Pedra Branca, pedras que constituem a malha ferroviária, alimentadas pela nuvem de aço dos vagões, quentes de mormaço, avermelhadas de calor, suadas de tinta, pedras que sangram o mesmo sangue que flui pelas veias abertas de suas ruas. O telão onde os filmes se exibem fica grudado em uma estrutura de ferro aderida a um dos containers coloridos que repousam sobre o mesmo chão que sustenta o viaduto sobre seus pilares. Quando chove, o que é muito raro, temos a sessão adiada, mas nem por isso o Espaço Cultural do Viaduto deixa de exibir seus frutos, tudo o que acontece por baixo dele é intervenção, exposição ou espetáculo, ainda que suas personagens principais sejam as poças. É interessante passar por lá quando chove, ocasião em que geralmente se aglomeram dezenas de pessoas de todas as idades utilizando a imensa estrutura como marquise para aguardar a chuva passar. A chuva aqui passa rápido, não se demora. Nessa aglomeração estão presentes todos os tipos de vozes: aquelas que reclamam do toró, aquelas que concordam com a chuva, as que sentem calor e as que sentem frio, também as que agradecem pelo clima fresco da ocasião e as que se entretém atentas às conversas e rumores do misterioso ruído daquela divindade que passa correndo por sobre os trilhos. Uma barraquinha que vende cerveja comemora a chuva e também o cinema do viaduto aos domingos, fico me perguntando de que semente nascera ser tão grandioso quanto aquele, e os frutos que ele ainda pode vir a gerar. Criado e mantido por iniciativa de moradores da região, o Espaço Cultural do Viaduto ganha vida e celebra em si todas as suas chuvas, todos os seus sóis, aprimorando suas memórias e ganhando disso a propriedade de infinitude. Herança que a Praça do Vento passa para

⁴⁰ “[...]Nos separamos/ Nos molhamos/ Nus (nos) movimentamos/ Somos carne, osso e algodão[...]”.(COSTA, 2015) Para chegar na rua que Yuri mora, cruzamos um rio através de uma ponte suspensa improvisada, fita pelos moradores da região, ao lado da ponte há um terreno baldio que abriga inúmeras árvores e a carcaça de uma casinha abandonada. Nós nos molhávamos nesse rio, num tempo em que a qualidade da água não impedia o banho e a brincadeira.

⁴¹ A palavra *composição* aqui passa a ganhar algum sentido entre a composição do trem, composição musical e o território onde aparece, por isso, uma figura transversal.

ele através de seus guardiões e ruas, por onde correm seus carros e calores, seu sangue e suas poças, de onde surgem suas sementes e pinturas, seus filmes e histórias.

Chuva não é muro. Barraca não é produto. Container não é garagem. Subúrbio não é cidade.

Isso é um dizer-subúrbio.

-----Ecos do Ferro Velho

Das pequenas pedras brilhantes de asfalto, nenhuma é mais preciosa do que o ferro-velho, essa pequena esmeralda que se ergue por sobre o sol do Subúrbio.

Ao fim da rua as batucadas de final de semana ganham forma através das latas que percitem o som do trabalho das catadoras e catadores ao riste de sua jornada. As tão procuradas latas de alumínio criam sinfonias inteiras junto às painéis e aos pesados amarrados de papelão comprimidos por cima da caçamba. Existem dois mundos dentro do ferro-velho. Um é aquele que o encara como um subemprego, o observa pelo viés marginalizante que o estatuto do urbano o direciona. Esse mais comum e mais fácil, afinal, qualquer pessoa no mundo consegue olhar pro ferro-velho e observar a desigualdade social fervendo naquele espaço. É justo que haja esse olhar para tal lugar pois o mesmo não perde esse sentido nem aqui nas ruas quentes de memória e estação. O outro aspecto, ou perspectiva, é uma cena, e é mais incomum de ser utilizada para se referir ao ferro-velho. Bom, entendendo esse espaço como um organismo, essa vida que é território mas não só, ganha forma sobre si mesma e verte sobre sua localidade uma lógica própria de seu asfalto, assim, aqui o ferro-velho se transforma no filtro desse lugar, no fígado do organismo de concreto e metal. O fim de tudo que não encontra mais espaço nas vidas cotidianas encontra um novo espaço nesse lugar⁴², uma painela quebrada, uma roda de carro antiga, uma peça de metal descontextualizada de sua máquina, uma garrafa pet que perdeu todos os seus possíveis usos, um papelão que já não embala mais nada, todos esses moradores do ferro-velho têm algo em comum com o Subúrbio, daí sua beleza erudita⁴³.

⁴² Afirmar o estatuto político dos modos de subjetivação contemporâneos pelo uso de fragmentos urbanos, pela montagem de restos de cidades feitos imagens, e imagens feitas restos; o que isto sugere senão algo de uma dignidade, de uma intensidade conferida àquilo que é sem lugar, que não cabe, que escapa ao primado das substâncias, da natureza, da representação? (CABRAL, 2013, p. 13).

⁴³ Como a própria definição de dicionário sugere: com excesso de conhecimento e cultura variada. Nada mais erudito que o ferro-velho do Subúrbio. Talvez sejam bibliotecas.

---camadas

Por essas vértebras, do trilho até a reciclagem, já passeamos por ruas e praças importantes para o aparecimento do Subúrbio, notamos os ventos que não ventam por aqui, e mais comuns ainda aos ventos, as ferragens que enfeitam de vida e garantem novos sentidos para as fases finais do combustível do Subúrbio. Se para viver produzimos excretas que adubam a terra para assim nascerem novas plantas, novas sementes, as ferragens e pets encontradas aqui adubam nossas sementes de Subúrbio. Uma das árvores de gente mais belas, produzidas por essas ferragens, é o Lata Doida⁴⁴, movimento cultural que produz instrumentos musicais com o que o urbano vem chamando de lixo. Para o corpo suburbano cada partícula dessa terra é feita desses fragmentos de tesouro, nessa cena observamos o ferro-velho não mais como o resultado do trabalho marginalizável dos catadores, aqui o lugar deles não é esse, aqui eles assumem sua forma de Guardiões com liberdade, autônomos de sua função e gestores das ferragens, responsáveis por todo o som e música que advém desse braço de metal enferrujado de todas as ruas. Para além da função de garantir a coleta de materiais nos lugares em que o Estado ignora, alguns desses Guardiões também conhecem esse projeto que transforma lixo em música, muitas das vezes, convocados pela própria ocupação que o “Lata” faz através da expressão musical nas praças ou mesmo em terrenos baldios, o que convoca a vizinhança para tal também. Dar novo sentido ao lixo, enxergar o lixo como possibilidade, ainda é algo de urbano, quando o lixo vira adubo que resulta em sementes de Subúrbio, possíveis de serem cultivadas plenamente nessas praças e terrenos baldios, só aí são imbuídos das forças deformadoras que permeiam essa terra. Esta força deformadora está para além do viés econômico do olhar urbano por sobre o lixo, seria um extremo oposto, um lucrar versus cultivar. As massas de ar, quentes que levantam poeira mas são invisíveis⁴⁵ carregam não somente poeira e lixo, mas também toda uma arquitetura Suburbana que permite a decolagem desses objetos vivos e também o encanto dos redemoinhos de aço e vento, sacola e sal, tijolo e asfalto, viaduto e gente, sol e som. O encanto do ferro-velho está no deslocamento de sua utilidade para a possível apreciação de sua força de vida, força que faz nascer numa terra onde somente as sementes daqui podem vingar. O estrangeiro por aqui se torna inóspito ao nosso solo

⁴⁴ Reconhecida como Ponto de Cultura pelo Ministério de Cultura em 2014, a Lata Doida não tem fins lucrativos e atua na Zona Oeste do Rio de Janeiro desde 2008 por meio de projetos socioculturais e ambientais, a fim de contribuir para uma sociedade mais humana, justa e sustentável.

⁴⁵ “Somos como massas de ar / Quentes que levantam poeira/ Mas são invisíveis[...]”(COSTA, 2015). Nessa canção, o poeta da rua de trás, Yuri, comenta sobre as sacolas plásticas que ganham o céu da beira da estação, passando pela usina eólica numa dança das poeiras que atravessam e transformam as matérias às quais estão submetidas para se transformarem no sopro da boca de suas paixões.

fértil, não o contrário. A fertilidade aqui está escrachada por entre as poças de graxa e alumínio, em suas ilhas de plástico e ferrugem. Nesse momento sentimos os ecos do ferro-velho, seu rugido constante que compõe com a musicalidade local, onde cantam todos os motores, onde a fumaça dos fios de cobre queimados perfumam nosso jardim de cimento seco por onde o sol escorre e rega, incessantemente a todos os dias as referidas sementes. Em outro chão essas potências poderiam destruir, por aqui elas constróem/ compõem esse chão. Aqui as ferragens são os brotos no jardim, páginas de papelão e plástico completam os livros diários que anotam cada passo dessa jornada: da casa pro trabalho, do trabalho pro coração metálico que pulsa no centro geográfico da cidade do Rio de Janeiro.

— — — outras carrancas

Um senhor de barriga grande, cabelos grisalhos e pele enfeitada com graxa e óleo diesel, recebe seus clientes com um rosto sério e meio mau humorado. Ele é o dono da loja de sucata, e quando alguém precisa procurar por algo naquela montanha de ferragens, é sempre sob supervisão dele. Uma balança no canto do terreno pesa todos os componentes de metal que a clientela porventura queira. Tente imaginar um imenso platô que avança a quase meio metro do chão sobre o qual se apoia, tão grande que cabe uma caçamba, literalmente, pois às vezes os caminhões deixam as caçambas de sucata ali para que seja possível fazer a pesagem. Sempre sisudo e sério, esse senhor surpreende ao entregar um carrinho de brinquedo feito de garrafa pet para uma criança que ficava lá com ele, parecia ser seu neto, eles tinham personalidade e corpo parecidos: rosto firme, barrigão e gasolina. Ainda sobre a grande balança imponente pelos *ffjords* de aço e papelão, vendo a criança, quando ela subiu na balança, que era bem alta em proporção à sua estatura de no máximo um metro, reparei que as rodinhas que apoiam a balança no chão, essas rodinhas de rolimã improvisadas nos carrinhos que descem as ladeiras, elas estavam enterradas no chão de tanto tempo que a balança repousava pelo mesmo lugar. Esse aparelho que mede o peso do metal, do plástico e dos papelões, também mede o peso dos anos e das montanhas, das árvores arrancadas ao bem da produção que corrói, o ferro-velho resgata as próximas árvores de sua inevitável derrubada e as montanhas de minério que ainda sobraram de uma possível destruição. A potência que restaura montanhas e mantém as árvores em pé é uma força deformadora, se trata de mais um fruto do Subúrbio, mais uma semente que garante as raízes necessárias para manter no chão essa árvore de gente, lugar onde, apesar das adversidades, os sonhos crescem com suas histórias, capazes de modificar o espaço e contexto social à medida que ganham força de tradição dentro do

cultivo de um corpo suburbano. No estatuto do urbano, desambuído de história e memória, esse processo receberia a alcunha de reciclagem.

----- outras camadas

O ferro-velho tem tudo a ver com as estações que constituem essa região da cidade, afinal elas abrigam muito dos dormentes e trilhos por onde um dia se locomoveram seus trens, ou seja, ele guarda a memória de quem transitou pela estação. As marcas naqueles trilhos jogados no terreno registra o peso de cada pessoa presente em determinado vagão, em determinado período de tempo, tornando possível um cálculo de compromisso com a história e memória daquele lugar, deixando sugerida uma equação que mede o peso do metal multiplicado pelos dias que fatoram as horas e divide as distâncias percorridas dos corpos em sua frequência de entrada e saída do vagão, para no fim resultar nos momentos e conversas pesados naquele trânsito, nos almoços e festas, nos jogos e tramas de algodão fabricadas para cobrir as pessoas de sua nudez. As marcas nos dormentes de pinho e pau-de-canela relembram as estações em que cada pessoa desceu, numa espécie de memória que é impossível de ser acessada por outro cérebro que não esse, feito de trem, estação, madeira, concreto, sangue e aço.

Reciclagem não faz eco. Trem não tem distância. Ferragem não é balança. Subúrbio não é cidade.

Isso é um dizer-subúrbio.

-----TRILHOS E TRAVESSIAS

Por aqui essas paisagens e cenas constituem uma identidade que pode ser observada das estações para as ruas e praças, das ruas e praças para as casas e quintais, das casas e quintais para a vizinhança, da vizinhança para as roupas e trejeitos de seus habitantes. Uma mescla de tradição e musicalidade que retoma uma afro brasilidade desses territórios de vida onde o ritmo dos passos pelo terreno é também o ritmo do terreno pelos pés que pisam os passos. Assim o trem se apresenta como um ponto de partida para os corpos que atuam e transitam no Subúrbio. Esse ritmo permeia por dentro dos muros das casas, adentrando por suas janelas assim como as janelas das casas adentram para esta *composição*⁴⁶, a todo tempo mediada pela relação que há entre o trajeto do trem em sua linha, seus buracos, passagens e passageiros. Nesse processo o trem é constituinte e constituído por esses corpos, a linha férrea se estende do espaço geográfico de sua localidade para um espaço subjetivo, construindo através de seu risco metálico vivo uma certa trajetória do quadro de vida de seus habitantes, caminho traçado pelo cotidiano do convívio direto com a pesada máquina que traz movimento para seus arredores na proporção em que seus arredores são sua motriz. As semelhanças entre-estações, nesse aspecto, ocorrem, mas cada uma tem suas características próprias numa teia complexa de múltiplos fatores, vivências e histórias contidas e contadas por seu respectivo chão, uma memória guardada viva por fora dos papéis, por dentro das lembranças e palavras de suas Guardiãs. Pouco interessa ao corpo suburbano o levantamento geral de uma estação e menos ainda o desvelamento de suas especificidades, mas muito mais urge dizer de um processo onde o aparecimento do Subúrbio, perceba - com letra maiúscula, ou seja, - fora de seu estatuto urbanístico usualmente narrado, é relevante para a elaboração subjetiva daquelas e daqueles que nele e dele vivem.

O abismo que separa cidade e Subúrbio se expande quanto maior o contato com as histórias que constituem esse tal corpo suburbano, que, por sua vez, tem seu aparecimento numa narrativa onde as memórias constituem o território ao passo que simultaneamente o território constitui essas memórias. Ou ainda: onde território é memória, e onde essa memória é combate às

⁴⁶ Como uma palavra mutável e viva, *composição* empresta sentido ao modo como os elementos de um todo se organizam, de como mesmo no caos do indefinido há um ser sintetizado e transfigurativo, modificador de si e de seu entorno.

amnésias e apagamentos de que se alimenta o que nos chama de margem⁴⁷.

ESTAÇÃO DAS COLHEITAS

aração

É difícil deduzir o fim de um bairro e o início de outro por aqui. Aliás, é difícil identificar o que é bairro, sub bairro ou apelido. Na casa das nove havia uma loja embaixo, uma papelaria. O edifício era um antigo clube de Realengo, se não me engano, o primeiro. A construção datava do início do século XIX, se estendia por todo o quarteirão e abrigava em seu quintal o mais antigo solo do bairro, ainda não aterrado com entulho, como faziam os demais no intuito de anular sua característica pantanesca.

Realengo em seu princípio era um imenso alagado, um brejo do qual até onde me lembro só haviam histórias, exceto pela casa das nove mulheres. Lá era possível ver o encantamento das moscas coloridas e das pequenas flores brancas que guardam batatinhas em suas raízes, doces como um pirulito de terra. O chão de madeira do antigo sobrado exibia longas ripas de um marrom escuro, milhares de vezes encerado, correndo um caminho que partia de uma longa e estreita escada de mármore branco e cozinha de azulejo azul piscina. Correr naquele chão de madeira, naquele alagado de raízes doces, naquele asfalto fervendo diz muito sobre os pés que hoje se escondem por dentro de elaborados calçados.

⁴⁷ A partir da etnografia de práticas, lugares e linguagens consideradas à margem do estado-nação, as margens são pensadas não como espaço periférico, lugar-fora estático, mas como dinâmicas que perpassam e atravessam o Estado por dentro, num permanente jogo dentro/fora. A apreensão desse movimento torna as margens centrais para compreender o Estado, justamente por instaurar uma ruptura em termos da modernidade hegemônica: as margens são bem mais do que espaços de desordem ou locais onde o Estado não pôde instaurar a ordem. (TRONCON, 2018, p. 186).

semeadura

Uma das nove tinha o sorriso cravejado de histórias e - muitas não ouvidas de sua boca, mas declamadas pelas gargantas das suas filhas - arava um solo de terra e sangue. Nascidas de lá, vivas e mortas, as histórias naquela casa possuíam propriedades orgânicas, elas nasceram, se desenvolveram, cresceram, cuidaram de gerar outras histórias, depois se aposentaram, envelheceram e por fim morreram.

Uma delas relembra um dia em que a fábrica de cartuchos explodiu, o chão inteiro tremeu num estrondo terrível e deu pra sentir de lugares que ficavam dezenas de quilômetros distantes. Caminhões cheios de famílias em suas caçambas partiram para longe de Realengo, uma área militar importante do estado do Rio, para fugir dali. As pessoas pensavam ter se iniciado um bombardeio na iminência da guerra mundial que se iniciaria quatro anos depois. Essa história é uma que cumpriu sua longa jornada por Realengo, moldando grande parte da história do bairro. Hoje já não é viva no bairro, mas deixa a sua memória⁴⁸.

Por aqui habitam muitos acontecimentos que ainda permanecem vivos justamente por uma cultura local, que consiste na contação de histórias, dos mais velhos para os mais novos. Há uma tradição de que as memórias do bairro sejam passadas numa espécie de roda de conversa feita em frente ao portão de casa, no cair da noite quando é verão, nessa época é quente demais para dormir cedo, quente demais para ficar dentro de casa. Dessa forma, por aqui, tornou-se convencional esses contos que flutuam entre as estações do ano e as estações do trem, sendo quase indissociáveis umas das outras; Quase indissociáveis dos portões nas noites quentes em que estamos todos ao pé dos mais velhos e escutamos o bairro através de suas múltiplas vozes.

poda

⁴⁸ No ano de 1935, a edição 00004 do jornal "O IMPARCIAL", documenta um incêndio que quase leva Realengo pelos ares. De toda a forma, houve uma explosão que, de fato, aconteceu mas não foi documentada. Todos os moradores antigos do bairro falam de uma ocasião em que houve um grande extrondo e tremor, e que as pessoas saíram correndo do bairro na boleia dos caminhões. São memórias que marcam o bairro e que com o tempo, por ausência de registros oficiais, poderiam ser extintas. Permanecem vivas pois há coletividade e tradição acionadas no território a partir das histórias passadas de geração em geração.

Para cada quadro na parede havia uma súplica ao tempo. Uma fila de irmãs se conflui ao passar dos curtos anos, se desfazendo retrato a retrato, uma a uma até a nona nascida, a última e não esperada. A irmã mais velha poderia ser facilmente mãe da mais nova. O retrato mais antigo poderia ser, facilmente, a moldura do mais novo. Isso mostra que, ao menos por aqui, somos feitos também de vidro e cobre, guardados em pequenas lembranças penduradas por grampos de chumbo na parede de tijolo úmido dos sobrados.

À frente da casa das nove, uma igreja amarela com os telhados cor vermelho escuro, uma cruz no centro exato do bairro - tão antiga quanto a estação, tão referência quanto os trilhos, a igreja retribui a poeira de aço das vigas fortes dos viadutos e trilhos com a fumaça preta de suas velas erguidas do chão por um imenso candelabro de concreto, de onde homenageamos os nossos mortos ao toque do seu sino - dizem que é feito do aço das munições da antiga fábrica de cartuchos do exército, o mesmo metal que ainda circula em nossas ruas e que impulsiona o fogo de nossas velas no topo daquela estrutura de concreto que abriga a frágil chama dos que se foram.

A familiaridade entre os quadros, metais, fumaças e velas é uma força que deforma as paredes. Um filme estático das antigas Kapsas⁴⁹ retrata não somente as pessoas, mas os lugares em que estavam quando foram fotografadas. Há uma exibição das antigas praças e ruas, prédio e escolas, estações e avenidas em cada aniversário congelado nas imagens distribuídas pelos álbuns de fotografias P&B. Observar tais álbuns é como frequentar museus onde a juventude é colecionada através dos sorrisos espontâneos das pessoas na ocasião festiva capturada. Visitar estes lugares é também conhecer um pouco mais sobre como as mudanças nele estabelecidas interferem na vida de quem o habita; É perceber que não se trata do mesmo lugar, que ele é mutável, envelhece mesmo estando de cara nova; Remonta em si mesmo as estruturas de sua antiguidade através das fachadas reformadas numa espécie de poda ao tempo de seu desenfreado florescer.

manejo

⁴⁹ Popularmente conhecida como “Pinta Vermelha”, é uma câmera fabricada no Brasil durante a década de 1950 pela empresa D. F. Vasconcelos. Além de oferecer um preço mais em conta que os modelos de câmeras da época, ela ficou bastante popular pelo bom acabamento e resistência.

Atraídas pelas chuvas quentes e rápidas de fim de ano e pelas pedreiras infinitas que guardam a região, uma nuvem de tanajuras antecipa a farofa sazonal dos tempos de pipa. Por aqui um tempo fratura o outro por intermédio da memória. Seu impacto violento é um berro incandescente nos freios da composição que para o trem em cada estação da ferrovia logo ao lado. A fâisca que modera os trens⁵⁰ também é uma espécie de chama veloz que relembra, desta vez, os vivos e suas histórias, as plataformas da estação, agora erguidas em um corpo suburbano, *deformam-se* em paredes por onde se dependuram retratos moventes, por onde se hasteiam Subúrbios no vão entre o trem e a plataforma.

Esse vão frutuoso é produto de plantio.

A força bruta das nove vidas é a Guardiã dos bairros dentro dos bairros que se desenham através da fumaça e da poeira, do metal e do sangue, da mãe e das chamas, da morte e da vida. É porque o asfalto vem antes do brejo, o aço antes do sangue, o vão antes do espaço, a morte antes da vida que um feitiço pulveriza o óleo diesel dos motores - maravilhas enfurecidas de uma nova natureza - onde, por sobre os campos de cimento e asfalto, a poeira de aço e fumaça-carbono devastam caminho para os pés sintetizados dos mamíferos do antigo mundo.

A metamorfose das calçadas e corpos acompanha um caminho inversamente proporcional entre o avanço da idade do bairro - que está de cara nova quanto mais passam os anos - e das pessoas que nele habitam - que ficam de cara velha conforme o tempo segue seu curso - ao passo que transmitem uma prática de manejo desta terra. Aqui o sentido de agricultura se deforma, e o terreno é quem renova as pessoas, o plantio aqui quem faz é a terra. As pessoas são as sementes dessa agricultura.

colheita

De dentro da igreja de Realengo, um deus crucificado observa maravilhado, com olhos tristes e fechados, por debaixo de sua coroa de espinhos o aperfeiçoamento daquilo que supostamente criou. Não sei o que se passa diante de seus pensamentos, mas é certo que em seu rosto algo fica evidente: ele esqueceu de criar os viadutos, os batentes, o asfalto e o concreto que guarda sua estátua (também de concreto). Esse fato reverbera íntimo e latente dentro de cada um

⁵⁰ Produto da redução de sua velocidade, a fâisca representa uma troca entre velocidade e estação, moderando a máquina alucinada de milhares de toneladas. A fâisca é a domadora dos freios imensos das composições.

que cruza a linha férrea todos os dias, seja pelos buracos no muro ou pelas escadas que se elevam cruzando a ferrovia.

O chão ainda vivo do pântano antigo cultiva as Guardiãs e aguça a florada de suas sementes. Não foram necessárias muitas décadas para que elas se multiplicassem em outras sementes, transmutando as histórias de sua mãe, cruzando memórias de outras estações e fazendo jus às suas velas. Sombreado e protegendo o terreno a era da mãe enraíza e mantém nos muros do bairro as marcas de sua aderência, preenchendo as ruas com morte, vida e vizinhança. Essa espécie de horta cunhada à fogo e vela, muro e sombra, chão e fê se assemelha muito à linha férrea - situada logo ao lado da casa das nove - de forma que, cada uma das mulheres - cada uma das histórias - poderia ser uma estação em que no seu vão entre a *composição*⁵¹ e a plataforma estivesse sendo cantada uma magia protetora de sua memória.

Há um feitiço apreendido a cada refeição que as nove fazem juntas. O primeiro é o da taumaturgia da multiplicação, que consistia em transformar uma única banana em fruta suficiente para nove pessoas, o mesmo com o pão e com as porções de feijão que vêm misturadas à soja dentro da embalagem. Muitas vezes os feitiços não funcionam, não adquirem força o bastante para ganharem materialidade e incidir sobre a matéria pretendida. Como solução para isso as nove dormem, até chegar a hora da próxima feira, numa espécie de cronocinese forçada. Dormir para não sentir fome, a última tentativa de magia para sobreviver à falha de todas as outras - e por aqui sobrevive-se às falhas da magia e do desencanto, a excentricidade do ordinário ou corriqueiro é gigante como a imensa serpente de asfalto que tenta subir as beiradas das calçadas com seus automóveis.

Quando a magia atravessa o cotidiano, ultrapassando as camadas grossas de cortina e madeira da parede espessa do sobrado; quando o calor das chamas brandas das velas e seus homenageados tomam as bancadas de mármore dos altares; quando o tapete de pétalas vermelhas encaminha a imagem da santa até o outro lado do bairro; quando a tinta escura do breu dos olhos pinta o colorir das folhas que guardam a memória das chuvas esverdeadas; quando o berro das ervas daninhas espalhadas nos muros velhos de cinza e sal secam as fronteiras por ele esmagadas; quando um simples sentar-se à mesa retorna fortificando a magia da vida: há, intermediando e intermediada uma força deformadora, veloz e cortante, rasgando o espesso tecido dos fatos esticados pelas grossas estacas da realidade.

⁵¹ Outra imagem de *composição* é um conjunto de carros ou vagões de um trem, formado sob critérios de capacidade, tonelagem ou tipo de mercadoria. Aqui, deformando estes sentidos, as forças propõem que as histórias e as mulheres têm um potencial de armazenar e carregar de um ponto a outro no tempo determinadas quantidades de bairro. São *composições* no sentido de levar e trazer para diferentes linhas temporais a vida que há nos acontecimentos locais.

A força daquelas Guardiãs é uma força deformadora, ou várias forças deformadoras, por aqui isso não importa. De onde ela vem ou de quem emana não garante sua agência sobre o mundo, e sua gênese ou direção ainda é um mistério.

Há um bairro dentro de cada cabeça. As nove histórias são vidas. Subúrbio não é cidade. Isso é um dizer-subúrbio.

ESTAÇÃO DO SOM

Tem uma época do ano que o céu ferve em balões. De todas as cores, os titãs voadores de papel colorem o céu da noite e inundam a atmosfera com seus estouros quase tão colossais quanto eles próprios. É comum ver balões do tamanho de pequenos prédios subirem de lugares estreitos que aparentam não dar espaço para sua decolagem, e logo depois de subir tem uma fita cheia de fogos de artifício amarrados numa trama que só os baloeiros entendem. Vê-se todos os tipos de bucha - tecnologia que fornece ar quente para flutuar a imensa armação de arame e lona ou papel - de panos enrolados com cêra de vela a pequenos botijões de gás. De um daqueles bairros - pedaços de chão cuja divisão não dá pra identificar claramente - sobem muitas maravilhas quentes nessas épocas festivas em que se comemora o dia de São Jorge; muito estimado por ser padroeiro da terra que abriga a Moça Bonita, brasileira, carioca, latinoamericana⁵². Acostumada ao ar espesso e quente, ela pode sufocar a quem não está apto a enfrentar seu abraço ardente, transmite leveza e cor apesar do seu acinzentar acentuado e tamanho expressivo. Ela se parece muito com os balões no seu céu. A moça exhibe seu orgulho escrachado pelos muros e clubes, ruas e construções. Durante a noite dos balões ela faz sua voz, sua cor, sua chama e sua luz⁵³ se espalharem pelo céu escuro e sem nuvens - nos dias de São Jorge o céu é escuro e sem nuvens - fato curioso dado que as variações da lua podem iluminar em diferentes escalas o nosso céu. Neste ano será lua cheia bem no dia vinte e três de abril.

Naquele chão iluminado pelas luas e balões as esquinas expõem um feitiço durante a noite, o caso é que são muitas ruas e cruzamentos, o que acaba culminando num emaranhado de inúmeros e translaçados feitiços cruzados de rua e calor, lua e balão. A poeira de aço e a chama escura das

⁵² “Brasileira carioca / de Bangu, não do Leblon / Latino-americana faz da vida o seu som...” (LEAL, 2022) Isa Leal mora fora de sua terra originária mas não deixa suas raízes se afastarem de lá. Ela é MC, compositora, cantora e ativadora cultural da zona oeste da cidade do Rio.

⁵³ “Sua voz, sua cor, sua chama e sua luz, deixa... deixa-se brilhar”. Isa Leal lança seus cantos pro mundo e insere em suas composições a potência de seus sonhos, sonhos de quem carrega em sua ancestralidade a força que a permite caminhar.

ceras das velas das buchas e igrejas já tomaram o bairro- é onde mora a sua magia e tradição. Numa atmosfera pesada e quente, alegre e feroz, lotada de gente e de som cuja intensidade e frequência indicam um caminho em direção à praça da igreja, se aglomeram uma concentração de artistas e barraquinhas de lanche surpreendentes. Aqui ambos se complementam - do rock enunciado pelo underground que comemora uma década à expressão mais ancestral daquele lugar com seu samba - a Moça Bonita acolhe a todos numa mesma roda sejam descalços ou de sapato, sem camisa ou uniformizados, de bateristas motoristas de ônibus à sacis pererês de cervejas nas mãos; a união dessas suburbanidades é fortificada por esse elo inquebrável das esquinas, por essa poeira intransponível e violenta dos nossos aços, por essa fumaça sufocante de nossas velas. Nós aguerridos pelos trezentos e sessenta e cinco sóis de cinquenta e nove graus ao meio dia, fazemos calor por onde estamos, fazemos praças e luas pelo interior dos prédios mortos das cidades cinzas, fazemos atmosfera na densa e escura fumaça de nossas velas e buchas, fazemos nitidez na poeira ardente e cortante de nossos trilhos. Somos nós o feitiço e a magia de nossas ruas. Nós a raiz enferrujada que constrói violentamente a mais iluminada das escuridões, o mais musical dos silêncios, o mais populoso dos espaços, o mais forte dos elos. Somos nós Subúrbios de vagões pesados, fertilidades nos cimentos e tubos de tinta spray em assinaturas, nós pelos telhados de fogo e asfaltos derretidos dos antigos arvoredos, cada pedaço de sangue e pedra que floresce insuportável onde deveria corroer, a mais bela das criações do novo mundo, a mais bastarda filha dentre as preteridas, buracos nos pavimentos perfeitos dos condomínios.

Balão não é luar. Incêndio não é estouro. Esquina não é cruzamento. Subúrbio não é cidade.

Isso é um dizer-subúrbio.

ESTAÇÃO DO SOL

dentro da bruma

Um frio toma todo o bairro por uma bruma de nuvens rasteiras, a paisagem se transforma em um véu que encobre até o sinal de trânsito mais próximo e quase não dá pra saber o que virá nos dez próximos passos à frente. Um fenômeno raro de se ver por essas ruas, que acontece de tempos em tempos e que provoca enorme surpresa. O chão de paralelepípedo esconde pequenas graminhas no espaço que há entre eles, perfeitamente instalados há mais de um século. Essas manhãs de bruma e mistério têm um cheiro de virada de estação, é quando o calor dos próximos dias anunciam sua chegada, é quando as folhagens das árvores de Deodoro ficam extremamente esverdeadas, e os antigos ipês de Marechal Hermes florescem passando sua tonalidade para o chão das calçadas, flores caídas que entopem os ralos e transformam nossas ruas em uma veneza de riachos coloridas nos primeiros momentos da chuva.

Um agente de trânsito com suas roupas fosforescentes indica que o semáforo saiu da jogada, que por sua vez piscando em amarelo, eleva o caos do Subúrbio molhado e as ruas refletem no espelho d'água um azul mais forte que o céu, mais púrpura que o fruto dos jambeiros estarrecidos por seu encontro maduro com o asfalto. É escuro de madrugada, na hora de sair de casa. Beirando às quatro e meia da manhã de algumas das sete quartas-feiras da semana laboral, intermináveis apitos e sacos de bala dependurados pelas ferragens dos ônibus ganham vida através dos gritos que se desculpam por “incomodar o silêncio da sua viagem” e trazem “o passatempo preferido” materializado por suas embalagens metálicas de amendoim, elas prometem tornar o trajeto mais rápido até o ponto final.

Por aqui, mesmo em dias de chuva a temperatura sobe de maneira inimaginável conforme a chuva chove e o vento não vem.

Próximo de bater quatro e quarenta e cinco da manhã, a rua é a mesma, ainda dá pra ver o mesmo agente de trânsito refletido na vidraça ao lado da roleta, que separa o motorista dos demais passageiros. A bruma aumenta mais e mais, a sensação é a de estar dentro de uma nuvem prestes a chover, a diferença é que essa, em específico, tangencia o chão e esconde o letreiro das lojas antigas normalmente vistos na paisagem que se forma a partir das janelas trepidantes do ônibus.

As ruas seguem a linha férrea e o trajeto rodoviário se afasta e se aproxima dela, demonstrando a força de atração que a ferrovia exerce sobre a construção das vias. As poças logo viram fumaça e a temperatura aumenta gradativamente, o dia segue clareando e o tempo, naturalmente, segue seu trajeto acelerado em direção ao horário. O tráfego não acompanha o relógio, as pessoas não acompanham o tráfego, e o vento ainda não venta. Tudo está parado.

dentro do horário

É estranho perceber o dinamismo urbano se formando quando as fronteiras entre zona norte e oeste começam a se diluir entre si. Quanto mais próximo da zona-norte mais urbana a paisagem fica, assim como o trânsito, o vento, a temperatura, as pessoas e os relógios. Tudo urbanizado, fica fácil perceber que existem funcionamentos distintos entre subúrbios e que a suburbanidade estética arquitetônica também vai se modificando ao olhar da janela. Se na zona oeste temos “ilhas de prédios”, pequenos aglomerados de edificações pequenas em áreas isoladas da região, espaçadas entre si, na zona norte podemos observar um aparecimento muito mais expressivo dessas construções gigantescas, que se elevam dezenas de metros do solo escondendo as tímidas casas que ainda resistem pelo trajeto.

Ainda que o tempo e o horário sejam duas grandezas associadas entre si, esse segundo faz muito mais sentido protegido dentro de algum edifício com ar-condicionado e luz artificial. A tentativa de manter o trabalho dentro dos limites do horário oferece um fenômeno de desencantamento das ruas, uma mística que ronda o perigo e a enchente, o calor e o medo, uma ótima fusão abstrata de possibilidades que assombram o imaginário de quem está convencido dela. Reagindo ao desencanto, a rua permanece caótica nos territórios urbanos, afirmando cada vez mais o sentido que os prédios atribuem à ela, que quanto mais longe do chão melhor se vive. Essas duas densidades acompanham o mercado imobiliário e os altíssimos valores das coberturas dos prédios, num lugar onde há maior presença de automóveis que de pessoas, mais estruturas verticais que horizontais, mais vidraças do que céu, mais aterro do que chão. Uma solidão de concreto.

dentro da chuva

Os olhos que miravam da janela de vidro fechada ainda são os mesmos, mas ao mesmo tempo são outros. A percepção de um lugar também se modifica quando orientada por outros artificios que não os da visão, como espessas gotas que caem desenfreadamente atrapalhando o trânsito e os pensamentos. Sem guarda-chuvas, andar pelas ruas passa a ser, quase que prioritariamente, uma busca por marquises, ainda que estejam lotadas. De marquise em marquise são encontrados também os botecos, em um deles foi encontrado um café bem quentinho, um

torresmo fresco e uma dose de vinho quinado com fogo paulista, para aquecer daquele vento brando a pele molhada. Desse momento em diante o tempo já não era mais regido pelo horário, mas pela chuva, e o tempo da chuva permite um boteco, um café, um torresmo e uma birita. Se o que guia o trajeto é o chão, aquele chão guiou o trajeto para um subúrbio inesperado. Encontrar esses vestígios pelo ambiente modifica um estatuto, onde os tecidos podem até ser urbanos, mas a linha que os costura ainda é suburbana. O “progresso” demonstrado pelas máquinas e prédios, engarrafamentos e enchentes, coberturas e horários é uma trama tão justa que só consegue ser tecido, pano e estampa solta, para uní-los é necessária uma linha, essa linha é a tradição, uma linha pesada e resistente que se estabelece naquele boteco de bebidas tradicionalmente vagabundas, cujos hábitos vagabundos nada conservadores as mantém sendo bebidas, na potência mais múltipla e positiva da vagabundagem. A chuva, lá, coexiste com a vagabundagem proveniente dos botecos, num território que tenta afirmar um tecido corporativo sem se dar conta de que a linha que os une é uma linha vagabunda, botequeira, beberrona e suburbana. Isso é uma tirada de bamba, um rabo de arraia, uma rasteira precisa e eficaz que o próprio território suburbano dá em seus agentes, entre muitas aspas, modificadores.

dentro do boteco

Um banco fixado num batente de frente para um balcão estrategicamente selecionado de frente para o tabuleiro de torresmo é o camarote perfeito para o início de um plano maior. Tendo visualizado poucas unidades do petisco preferido, a jogada foi pedir um café. Com o balconista se aproximando, de xícara e pires na mão, a pergunta era precisa: “vai sair mais? - vai sim.”. Foi a resposta perfeita. O café durou até a chegada do torresmo fresco e de um figurão que aparentava uns oitenta anos de idade. Ele começa a contar que as casas de apostas deram lugar aos prédios modernos de vidraças metálicas e naquela época era permitido fumar em ambiente fechado, ninguém se incomodava, era uma coisa comum. Nessa mesma época, existiam os bondes que cruzavam aquelas ruas e os semáforos eram mais resistentes, não deixavam de funcionar quando chovia. Em uma ocasião, um elevador do prédio, que se erguia por cima do boteco, despencou de lá de cima, mas não tinha ninguém dentro - “que sorte!” - ele disse. As praças pareciam maiores, os cinemas lotavam, os teatros funcionavam a partir de quinta-feira e as pipoqueiras infundáveis disputavam espaço por sobre as calçadas, quase não dava pra passar. Não sabia se a fila era pro cinema ou para a pipoca. O cheiro de açúcar com baunilha teve de ceder lugar ao óleo diesel dos

ônibus, a pressa do horário e o passar do tempo levaram sua esposa e amigos, e com o tempo também seus filhos e netas. Apontando o dedo para uma parede cheia de fotografias antigas e recortes de jornal emoldurados, o senhor diz que viu o primeiro prego sendo colocado lá quando ainda era um garoto. As ruas de paralelepípedo não enchiam de água, os valões ainda eram riachos, o céu ainda era visto e dava até pra sentir o cheiro do mar. Subindo aquela rua até o fim, se escondia minúscula, um armazém que era de seu pai, onde trabalhou em seu primeiro emprego e conheceu sua única namorada, com quem se casou por mais de sessenta anos.

“- Até as bebidas eram diferentes.”

“- Bem lembrado: ‘Chefia!’, por gentileza, uma dose de quinado com fogo!”

O rosto do senhor muda de aparência ao ouvir o pedido. Ele se surpreende e pergunta “-você é da onde?”, “- de Realengo”. Com um sorriso ele me diz que conheceu o grêmio e a pracinha, a fábrica e a igreja que ficava de frente para um grande sobrado, antigo clube que oferecia bailes dançantes da época.

“- o senhor conhecia o clube do exército?”

“- sim! Fui algumas vezes antes de fechar.”

“- depois que fechou meu avô comprou o clube e morou a vida inteira nesse sobrado!”

“-Antoninho é seu avô?”

Empolgado levantou e me chamou para ir em direção à parede de fotografias, e lá estavam em branco e preto num retrato, o senhor, o dono do boteco e Antoninho.

“- sim, Antoninho é meu avô.”

Quantos sentidos podem ter um boteco durante a chuva?! Ele pára o tempo, costura o urbano, traz calor durante o frio, torresmo durante a fome, café durante o sono, histórias durante as marquises e prepara o previsível para sua completa dissolução.

A chuva cessou, o horário reconheceu o tempo e o boteco escreveu. Naquela quarta-feira de outubro do ano dezenove do século vinte e um, haviam passado três dias do centenário de Antoninho, já falecido a mais de uma dezena de anos.

O boteco conserva algumas centenas de milênios de encontros.

dentro do sobrado

Pela fresta da porta o sol invade a sala e o chão feito com ripas longas de madeira absorve a temperatura quase insuportável do que beira seu pico às onze e meia da manhã de uma tarde de dezembro de mil novecentos e noventa e sete. Perto do último ano do século vinte, a pracinha da Igreja está repleta de pessoas em romaria à Nossa Senhora da Conceição, padroeira dos partos e madrinha das oito mulheres. Naquela casa, todas as filhas foram batizadas na igreja logo ali à frente e, apesar de nem todas serem adeptas do catolicismo, têm muito carinho pela Santa. Algumas dezenas de flamboyants fazem sombra enquanto repousam sobre o solo à quem elas mesmas adubam com suas flores de fogo do início da primavera, seu rastro é visto de longe, que em comunhão com o vento quente da pedra do ponto têm a missão de espalhar suas cores pelo asfalto, uma eminente ebulição vermelha que se faz miragem com as ondas quentes acometendo as delicadas pétalas sobressaltadas pelos pneus apressados dos carros deslizantes e dos semáforos em funcionamento. Uma fusão de calor, asfalto e flor faz subir trêmula, um palmo acima do horizonte, o fogo fátuo do Subúrbio - aqui somos feitos também desse fogo - até aonde os olhos perdem nitidez, a tez das ruas em ebulição empurra os crânios para cima enquanto andam, distribuindo uma leveza sobre os pés que os sustenta, reduzindo o peso da imagem da Santa que repousa numa berlinda de madeira maciça e consistente.

Da sacada do sobrado dava pra ver a edificação do início do século vinte erguida em tons de amarelo com telhados circulares de telhas vermelho escuro, quase vinho, que se estendiam até a rua de trás e abrigava um lindo jardim em sua lateral, beirando as longas e pesadas portas feitas de canela e adornadas com maçanetas detalhadas de aço e cobre. Da terra batida da pracinha até o pavimento de cimento queimado do edifício, não havia um metro sequer desocupado, pois uma multidão aguardava para seguir a imagem de Nossa Senhora da Conceição, que há muito já havia ganhado a pista das labaredas e pétalas, seguindo destino em direção ao fluxo dos carros, que perdiam pouco a pouco sua pista.

Numa ante sala, bem próxima à sacada do sobrado, dentro da casa, há uma imagem em escala menor da Santa em um pequeno altar cuidadosamente projetado para ela, que ferve ao ser tocada pela luz daquele domingo. Logo à frente uma mesa farta de frutas preenche o espaço com um cheiro de Natal. A fritura das rabanadas e os enfeites de pompom metalizados lembram um pouco as janelas dos prédios que rodeiam o boteco dos torresmos frescos. Percorrendo um pouco adiante à mesa, um grande espelho reflete o dia e deixa nítido o suor brando escorrendo na testa,

que enfatiza a brisa do corredor principal. Caixas de metal guardam os biscoitos mais esperados do ano, aqueles com açúcar por cima, crocantes e festivos, separados por finas folhas de papel manteiga. Uma tela de arame trançado e resistente protege a ceia dos pombos famintos, residentes do forro da antiga estrutura de madeira que percorre todo o edifício e abriga seu teto. Eles voam desengonçados, enfeitiçados pelo cheiro dos pães e se chocam em alta velocidade contra a grade, deixando uma névoa de poeira e pequenas penas menores pairando quase imóveis na atmosfera do quintal de trás.

Já do lado de fora, depois da grade, o mundo se abre em uma imensidão esverdeada de mato alto e árvores pequenas de todos os tipos, de ervas daninhas e insetos esquisitos a majestosas borboletas e fruteiras imensas que servem de morada para cobras e cipós. Uma infindável paisagem que retrata uma Realengo antiga, de brejos e canaviais, do tempo do capim-cidreira e da mandioca brava, das histórias de fogueira e farofa de tanajura com rã assada na lata de feijão vazia. Pisando sobre o solo originário do bairro é possível sentir uma força estranha e quente provinda dele, um arrepio nos braços e costas pode ser sinal de ter encostado em alguma urtiga grande, as pernas e pescoço pinicando acusam as mitingas e borrachudos, os pés descalços se preparam para uma longa corrida pelo imenso terreno, jaz aqui o habitat mais perfeito e quente, aqui um lar de magnitude indizível, uma forte ligação que se adequa à mais primitiva das tecnologias: a memória. Esse chão retoma situações que, não necessariamente, foram vividas, mas as que persistem no encontro do corpo com o barro dos antigos alagados. Há uma memória que é ativada em algo que escapa. Uma conexão num lugar que não é dentro nem fora. Um tempo que é inventado no tilintar das folhagens em seu choque umas com as outras, e que depois se dissolve. Uma tinta que se espalha sob o que tenta organizar o sentido fugidio dos momentos e depois os pinta novamente em uma paisagem mágica colorida pelos afetos.

Uma voz surge de um dos quatro quartos, todas se atentam ao pedido indagado com a autoridade de uma liderança carinhosa. Num só instante todas as mulheres se direcionam para a copa onde repousa a robusta mesa, cada uma sob a guarda de suas respectivas cadeiras: “É hora de cantar!” - suavemente sorriu a velha senhora. Soando em uníssono, o coral de mulheres cantava sobre um barracão de zinco sem telhado e sem pintura, tal barracão situado no alto de um morro se tratava, na verdade, de um bangalô. Certo também ao que afirmava a canção, no morro não haviam arranha-céus e sua suposta felicidade, morro no qual uma sinfonia de pardais anunciam o alvorecer do dia na caída da tarde para repousar sobre o colo da noite. No morro cantado, uma prece era feita ao fim do dia à ave Maria, mãe do Deus a quem pertencia a data a que comemorávamos com tantas comidas gostosas.

Toca o sino da igreja junto com as vozes que cantam pra Santa, um refrão hipnótico: “Ave Maria... Ave... e quando o morro escurece, elevo a Deus uma prece: Ave Maria...”⁵⁴

O soar dos sinos acompanhavam as notas do refrão sincronicamente, como se aquele momento estivesse aderido à uma magia que tornasse o acaso mera especulação. Não existia acaso ali, tudo estava são, percebido e acolhido pelo sol que fervia o sobrado e a igreja, a praça e as mulheres, Realengo e o mundo.

Realengo é um mundo.

ESTAÇÃO DOS PASSOS

Os percursos e o tempo fazem as coisas ficarem diferentes.

No início de junho a vida fica um pouco diferente.

Uma vasta avenida que beira um vasto quartel guarda em um de seus loteamentos uma vila de casas. Todas elas geminadas, coladinhas umas com as outras, e telhados unidos, e muretas baixinhas. Em uma dessas casas vivia um senhor, o Guardiã dos Passos, que por algum problema na infância, perdeu boa parte do movimento das pernas e por isso, permanecia quase todo o tempo sentado no chão, uma perna sobre a outra, uma maior e a outra menorzinha.

Caminhar sobre as telhas quentes do meio dia, antes do almoço, sentir o barro quente e enrijecido na sola dos pés e o perigo da altura e a fuga da queda iminente também trazia a perspectiva de que ninguém olha para baixo e vê os telhados, e que essa visão retorna o chão e seus possíveis desdobramentos. A sensação do teto por baixo dos pés e da gravidade agindo na boca do estômago ao saltar do topo do telhado para um monte de areia de construção é verdadeiramente única, mas lembra um pouco os parques de diversão e aqueles brinquedos que desafiam a gravidade.

A vila é comprida e estreita, pavimentada com paralelepípedos por onde repousam postes quadrados que erguem fios velhos e pipas enroscadas. A corrente de vento formada naquele imenso corredor permitia o vôo rasante das pequenas pipas feitas com a dobradura das folhas de caderno - esperávamos seis meses para lançar tudo o que escrevíamos ao vento - ligadas fortemente às mãos pelo delicado fio de costura das avós, lindas linhas coloridas quase invisíveis e

⁵⁴Ave Maria no Morro é uma *composição* de Herivelto Martins. Neste sentido a *composição* é uma peça original de música feita para repetidas execuções (em oposição à música de improvisação, em que cada performance é única). A música pode ser preservada na memória ou através de um sistema de escrita e/ou notação.

muito resistentes – dando sentido à todas as matemáticas e geografias que não ganhavam força dentro das salas de aula.

Cresciam ervas daninhas de folhagem minúscula no vão entre um bloco de pedra e outro, era o tempo da capina. Com uma faquinha sentávamos no chão, e cuidadosamente retirávamos as graminhas dos caminhos geométricos que as abrigavam. Mais uma vez, com a atenção totalmente focada ao chão, o mundo era diferente, a estreita vila se ampliava em uma imensidão de vãos gigantescos, entre os paredões altos dos paralelepípedos, finalmente tínhamos acesso à perspectiva das formigas, todas enfileiradas seguindo apressadas naqueles infinitos corredores de terra cinza. Por horas e horas permanecendo sentados pelo chão irregular pude conhecer o mundo do senhor que vivia sentado mas andava, erguendo o corpo com as mãos e ganhando distância do ponto inicial, seus braços eram suas pernas e naquele momento, durante a capina, os meus também. Sem dizer uma palavra ele ensinava a todas as crianças um outro andar, uma caminhada inimaginável que permitia observar o chão com uma intimidade inacessível sem os seus ensinamentos. Não se trata de um sentar-se lúdico ao chão, mas de uma força deformadora. Essa que desinstitui o caminhar e a caminhada, colocando uma distinção entre essas duas dimensões do andar - que não necessariamente requer trânsito ou passada - simultaneamente abrindo acesso à um olhar diferenciado sobre o terreno que, naquele momento, se multiplicava sem que nos déssemos conta. Quase como um feitiço, magia, segredo ou milagre a abertura daqueles sentidos nos ajudava a ficar de pé, a fluidez e o traçado das valetas nos ajudavam a ficar agachados e fazer pipas de papel dobrado, os quintais eram nosso balcão.

A força e a ingerência daquele lugar e das vidas com ele compatíveis, permitem o caminhar de muitos que sucederão, daquele espaço o que aprenderam, assim passarão para os próximos e para os seguintes, numa rede em que, a partir daquele momento, o andar, o caminho e a caminhada não serão mais as mesmas. Tendo a força deformadora agido sobre os corpos, seus ecos permanecem irrastrável e velozmente dissipados e deformantes.

Trata-se, então, de uma força inexorável: a que permite voar sem ter asas, mover sem ter corpo, cair sem ter queda e mudar sem constância.

dentro de casa

Um pequeno quintal de mureta baixinha e vacilante, no quintal uma valinha que encaminha a água da chuva para fora do muro, um portãozinho preto de ferro e trinco, uma sombra do alto muro do lote ao lado. As casas por aqui começam do quintal, pelo lado de fora - é um fora meio dentro, um dentro meio fora - logo em seguida, na direção da porta, um batente e outro degrau de mármore branco. Pronto, estamos dentro-dentro. Um antigo armário vermelho de tampo branco abriga diversos potes de doces empilhados uns sobre os outros: pé de moleque; pingo de leite; quebra-queixo; balinha de um centavo; pirulito de coração; paçoca; batom; amendoim; biscoito fofura e mais uma imensa variedade de outros doces. Logo à direita uma janela de madeira pesada, com aqueles vidros quadrados e com textura granulada, o chão de ardósia cor de grafite encerado, um piso gelado para aliviar o calor. Nos fundos da casa tem quintal, gato na coleira e galinha. Uma bancada grande e por cima dela, variados solados de sapato, pés de madeira, uma bigorna e muitos couros e colas. Era a estação de trabalho daquele senhor que nos ensinava sobre o chão sem o artifício das palavras. Ele dominava tão bem o universo dos caminhares que era sapateiro, justamente o ofício que equipa os pés para as vicissitudes do chão.

Com uma barra de metal rígida e articulações de couro trabalhadas na altura dos joelhos, alguns pingos de solda e duas botas rígidas e grandes ele fez um exoesqueleto que sustentava seu peso e permitia longas passadas com o auxílio de uma bengala de ferro. Era o “aparelho” que vestia todas as vezes que precisava ir ao mercadão de Madureira, ao boteco ou à igreja. Mestre nas mesas de sinuca, parecia que tinha nascido para tal esporte, atleta entre os cambaleantes e sommelier de diversos tipos de bebidas populares. Na culinária, um bom apreciador de feijão com farinha e carne seca, guardava a iguaria dentro de uma garrafa térmica. Quando montava seu prato lá estava uma pequena montanha do tesouro gastronômico.

Era curioso como alguém que nasceu com um problema de saúde que futuramente o impediria de andar, consegue moldar a natureza do próprio corpo com ferro, borracha e couro. Mais impressionante do que curioso é o fato de que era justamente ele o responsável pelos sapatos que permitiam uma longa e confortável caminhada aos pés dos outros. Ele dizia que era mais fácil ser sapateiro pois ele já estava sentado no chão o tempo todo, e não tinha dores na coluna pois não precisava se agachar. O Guardião dos Passos compreendia intimamente os andares e suas modalidades, conseguia acessar uma sensibilidade que o permitia observar no jeito de andar das pessoas, as correções que os sapatos necessitavam para se adequarem melhor aos pés vacilantes da clientela. E lá procuravam-no aqueles que por algum motivo não “andavam muito bem”, e depois de uma boa conversa com ele, saíam de lá andando melhor – e aqui não me refiro só às correções

possíveis nos sapatos. Esse Guardião era também um grande amigo e habilidoso jogador de futebol com as mãos, passávamos tardes inteiras jogando linha de passe. Quando chovia dominó e baralho. Ele foi quem me ensinou a contar cartas e peças, passos e pernas, maços e festas, tacos e telhas.

dentro do maço

Ao sair da vila de casas, alguns metros à direita, situada bem na esquina da “Rua do Cinema” - antigo prédio onde hoje se situa uma igreja - a vendinha do Seu André tinha um armário com todas as espécies de cigarro. Magro, alto e de cara fechada, o homem se debruçava sobre um jornal em cima do balcão: - “Hollywood Vermelho” - “Pronto, o que mais?” - “Fósforo” - “Só isso?!” - “Só isso!”. O velho sapateiro confiava a mim a honrosa tarefa de ir buscar os seus cigarros enquanto me olhava do portão da vila, sentado no chão - para colocar o aparelho demorava muito tempo, dava muito trabalho, era só para ocasiões especiais.

Como recompensa ele me dava um cigarro para ser ofertado ao Boneco Mandingueiro, um brinquedo encantado que fumava. Era certo que todos os dias o boneco iria ganhar um cigarro, e ele só fumava os de filtro vermelho, se colocasse de filtro branco ele cuspiu - o cigarro caía misteriosamente da boca do Boneco - , não adiantava tentar enganá-lo, de alguma forma ele sabia, mesmo quando os filtros eram pintados de canetinha - experimentamos, todas as crianças, algum método para enganar o Boneco Mandingueiro, mas ele era muito esperto. Quando perdemos alguma coisa pedimos a ajuda dele, ou quando queremos alguma pipa ou balão, pedimos ao boneco para trazê-las até nosso quintal. Surpreendentemente ele atendia aos pedidos em troca de um cigarro vermelho - na infância esse feitiço era comum, inquestionável, não havia nada de sobrenatural nele. Somente depois de adulto é que a noção de magia se atrela, de algum modo, ao imaginário e tudo aquilo passa a ser muito místico, durante os acontecimentos de magia tudo parecia natural e óbvio. A magia era comum e cotidiana.

Ao boneco mandingueiro também eram dedicados os últimos cigarros do maço, de forma que, uma criança o entregava o primeiro e um idoso o entregava o último. Um feitiço iniciado por alguém no início da vida e encerrado por alguém no fim da vida. Uma magia que usa a força da vida para dar materialidade às necessidades da casa, onde o boneco era a figura que transmutava esse feitiço através da fumaça do cigarro, guiado pelo desejo de quem os entregava. Assim eram obtidas pipas avoadas e geladeiras novas, balões de bucha leve e motocicletas, fantasias de bate-bolas e aparelhos televisores. Tudo dentro do maço; por intermédio da magia; nos ciclos da vida; nas

mandingas e feitiços; nos ventos e nas lojas; nas frutas maduras dos quintais alheios e resultados de jogos do bicho.

– - -dentro do destino

Nesse trânsito pelas estações existem muitos caminhos possíveis, onde em determinado momento se chega a algum lugar. Afinal estamos em trânsito para chegar a um destino. O ato de sair de dentro de casa, andar até a plataforma e entrar no trem já diz de uma necessidade de deslocar-se de um ponto a outro. Sim, teremos um destino, que não é final, mas é destino. Podendo ser interpretado como meta, rumo, direção ou mesmo um local para o qual alguém se dirige, o destino em seus possíveis métodos de percorrer-nos é um aspecto importante da viagem. Assim como percorremos o destino, ele também nos percorre, e por aqui têm nos percorrido incontáveis destinos dentro do destino a que estamos percorrendo. Outro aspecto do destino é justamente um caráter aleatório determinado ou regido por uma providência ou força maior, pode se tratar de sorte, fado, fortuna ou mistério. Nesse sentido alguma magia opera e nela habita uma outra expressão desta palavra. O fato é que no próprio sentido de destino há um possível corte de terreno, corte que por sua vez aparece em chão maleável, tem a ver com o tempo e com o deslocamento e diz de um lugar conclusivo regido por uma certa magia que tem muito em comum com o trem e suas propriedades de criação de mundo. Talvez o trem e esses destinos possam habitar uma dimensão comum em algum momento de sua rápida recorrência.

Após todos estes movimentos, onde poderei chegar senão para o lugar de onde havia partido no início da nossa aventura pelas estações? De frente para os trilhos, onde a viagem começa, há uma imensa ponte. Atravessar os trilhos não é somente levantar os pés a fim de evitar os tropeços, ou manter a atenção voltada para o vão de infinitos universos que existem entre o trem e a plataforma. De certa forma é estar imerso, embebido, embebedado de toda essa magia, vista e pactuada na temperatura desértica desse chão e ainda das magias que não foram apreendidas pela baixa aptidão das nossas atenções fabricadas. É dar-se conta de que há, num pequeno espaço de tempo, entre a casa e o trabalho, umaimensidão de agências possíveis e ainda porosas, mesmo que na pretensão mais instituída de toda sua rigidez e violência. Encontrar tecituras delicadas nos mais perversos metais, e o som da natureza mais intocada nos carburadores dos carros de metal enfurecido, cortando de maneira animalesca o chão pelo qual arranhamos nossos pés em tempos de pipa, mesclando a carne perecível dos nossos corpos frágeis no duro concreto eterno das muretas e calçadas e buscando no arrebol dos vagões um estilhaço incandescente, capturando-o com a palma

de nossa retina e podendo enfim observar o seu traçado pelas dimensões a que as *composições*⁵⁵ têm marcado um milhão de trajetos inapagáveis pelo tempo.

PRIMEIRA ESTAÇÃO

Quando o céu ainda nem havia clareado, o sol dentro daqueles olhos já queimava por duas horas ininterruptas. Incinerando as casas nas quais ainda não entrou, cozinhando os pneus das entradas das ruas, fritando os batentes da fria penugem das avenidas. Eram duas agulhas afiadas de plasma que cortavam as noites e espreitavam atentamente ao longe, de frente para um prédio gigante, o senhor enfurecido de metal aparecer na bruma de água condensada de uma madrugada de setembro. Há muitos seres enfurecidos por aqui, e assim eles são quando estão estáticos, porém gentis quando se movem e emprestam trânsito de um ponto ao outro. Eles quebram determinadas dimensões distribuídas nos espaços e tempos de cada pessoa que adentra seus portais pesados. O futuro chega imperceptível enquanto o passado se infiltra em suas memórias como um mar de aço derretido, e qualquer coisa macia em seu caminho é afastada pelo cheiro de seu diesel em ebulição. Mais parecem rugir o som de seu trajeto pela ferocidade de seus infinitos radares, partindo as linhas das estradas e infiltrando nos tímpanos da terra o timbre de sua frenagem repentina. Ele se encontra sempre afiado e cortante, na diagonal de seu próprio mundo, alguém que não cabe em sua dimensão ao ponto em que o presente lhe prescreve uma cartela de dúvidas para solucionar a arritmia de seu gigantesco coração de passados; seu coração de memórias presas nas janelas de sua cabine pouco confortável, com poucos lugares para a quantidade de sonhos que consegue carregar todos os dias, às cinco e meia das manhãs salgadas de pressa e poro, guiando os mais temidos fluxos de sua gente enluarada. Suas imensas rodas de ferro gritam por cima dos paralelos de aço enfatizados pelas pedras de brita queimadas na tez dos dormentes de madeira antigos. Há uma baixa aptidão para a leveza dentro dos vagões que abrigam cabeças, que hospedam sonhos, vivos e mortos, de corpos infindáveis de gente que movimentam a cidade pela urgência de sobreviver no mundo dos prédios à troca de conseguir algum punhado de vida no mundo das pipas. As trocas possíveis são sempre injustas, o sangue que escorre escuro em seus motores é o mel das máquinas. A primeira estação abriga consigo esta *composição*.

⁵⁵ Finalmente, aqui uma *composição* que pode adquirir qualquer ou nenhuma forma. Sem descrição ou especificidade ela pode ser sua, ou de ninguém.

O ser imenso de vagões estilhaçados em vida e sufoco continua em riste por seu trajeto ferido, ele tange e micro-rasga inúmeros tecidos, de roupas e histórias. Ninguém o vê de fato, mas sabe nitidamente de sua força e presença. Quase como num pressentimento, tudo o que é vivo e morto anuncia a sua chegada. As cores das casas e a opacidade das janelas, o calor dos chuveiros e a sutileza das pequenas calçadas invadidas pelos muros das casas, um arbusto seco entre um poste e um batente, um dormente atingido por um automóvel em alta velocidade; todas palavras simples de seu extenso vocabulário dizem no altar de sua presença esfumaçante um grito alto e imperceptível. O sol nos seus cabelos elétricos refaz algum caminho sempre novo ao traçar de sua linha reta; milhões de volts, ou sabe-se lá o quê, movimenta a sua jornada, que por sua vez movimenta as jornadas de quem sonha por que está acordado e acorda por que está sonhando - ou sabe-se lá o que sonha e dorme, acorda e sonha - nas terras onde isso é proibido para quem o faz e permitido para quem o compra. O ser gigante e cruel é também miraculoso, torneado em prol das malícias e revigorado pela planta dos pés de seus credores.

As saídas, as entradas, as direções e os re-trajetos; as grades, os gramados, o cerol, a motocicleta; o volume alto do rádio, os papéis de bala e os papelotes de droga, as bitucas de cigarros e os cachimbos de guaravita; sua ternura enclausurada e a textura de sua pele derretida por sobre os fios de cobre e aço galvanizado podem pulverizar qualquer senso de civilidade ao olhos menos sensíveis de alguém completamente distraído deste contexto - imagine então o que pode fazer ao contato com algum olhar atento!? Os percalços, as palavras, as saídas, todas emprestadas de seu próprio material metálico, elas tingem esta escrita da voracidade emprestada de muitas *composições* possíveis deste imenso trem.

Este ser que corre enfurecido pelas enormes montanhas do Mendanha e se joga revoltado em cima do Pico da Pedra-Branca, também passeia pela Pedra do Ponto e mata a sua sede na Baía de Sepetiba: uma entidade que encontra sua força na recorrência de seu terreno; um deus que é acionado pela mais dura realidade; um canto que se anuncia nas madrugadas de sangue e samba; a rouca voz que berra um mundo e fere os tímpanos de seus próprios filhos enquanto eles dormem na piedade de despertá-los atentos aos traçados profundos de uma cidade que não lhes é afeita.

À sombra de seus próprios vultos, um garoto magro feito de esquinas espreita um pedaço de um sonho - de doce-de-leite, angústia ou fê - qualquer que mataria a sua fome, que por sua vez alimenta a ânsia e o ódio de quem o assiste do lado de dentro de algum lugar sobressaltado de suas praças, desligados de suas virtudes lunáticas e da memória viva de seu lugar; sem saber que é imaterial e invisível essa criança brilha descompassada por entre os vultos das estações e levemente sorri com seus milhares de dentes de dormente e gengivas de aço pesado. Dentro de seu sorriso habitam incontáveis corpos vivos que transitam há gerações na direção oposta de sua ocorrência, e

mesmo do lado de lá da fronteira invisível desses infindáveis mundos, ele observa de uma gruta silenciosa que protege e guarda sua volta para casa. Este menino, este trem, este peso, esta força, consegue pulsar de ponto em ponto, cabeça em cabeça, fazendo de sua presença quase uma constância em eterna aceleração. O menino possui todos os nomes, todos os corpos, todos os vagões do chão onde aparece, dos pés a que este chão ocupa. Das fachadas das lojas sujas ele observa em seu pescoço largo um pingente que abriga a carne de sua alvorada, traduzida pelas cachoeiras e silhuetas do subúrbio, que também força sua presença em seus postes e riachos. Natureza e construção dizem casa, dizem lar; gasolina e água pura dizem um lugar comum ao descanso. É tão difícil distinguir umas das outras que os pássaros de metal e penas batem asas nos sonhos da criança desesperada, as pessoas e os veículos correm juntos como num só corpo e ganham sentido nas cadeiras enfileiradas dos engarrafamentos e filas de banco. As máquinas de sorvete derretem o gelo em cremosidade pelos abraços dos amigos de infância dentro dos ônibus observando a rotina dos grafiteiros; os olhares se espalham pelas estradas com a lucidez das placas e semáforos queimados; a aflição da fuga e o confronto da chegada aplicam juntas um sentido desregrado de mundo, num ordenamento que só é possível aqui, na matriz daquilo que é mais sagrado.

Estação não é espera. Passado não é memória. Sonhar não é fronteira. Subúrbio não é cidade.

Isso é um dizer-subúrbio:

E nele habito; e ele em mim habita; para ele eu rezo e peço. a ele agradeço e vou.

BIBLIOGRAFIA:

ARAÚJO, Frederico G. B. de. et al. Caosgrafias cidade. Cadernos Metrópole (PUCSP), São Paulo. V. 18, n. 37,

p. 899-920, set/dez 2016. Em:

<https://www.scielo.br/j/cm/a/9xfNJKTn8GHnHvTDG7NL7Qt/?lang=pt>

BENJAMIN, W. *Obras Escolhidas II: Rua de Mão Única*. Ed. Brasiliense: São Paulo, 1987.

CABRAL, A. R. *Por entre ratos e andorinhas: Burburinhos e garatujas de uma experiência de montagem no limiar das palavras cidade e subjetividade*. Tese de doutorado, IPPUR/UFRJ, 2013.

CARON, D. *Orlas urbanas: que paisagens fazemos durar?* Jornal da Universidade. Porto Alegre. 24 de novembro de 2022. Disponível em:

<https://www.ufrgs.br/jornal/orlas-urbanas-que-paisagens-fazemos-durar?> Acesso em agosto de 2023.

COSTA, Yuri e FRANCO, Adil. João. Rio de Janeiro: *independente*: 2019. 1 CD (5 minutos e 13 segundos)

COSTA, Yuri Saco Plástico. Rio de Janeiro: *independente*: 2015. Disponível em: <https://deezer.page.link/UXM3pGw7LYAjBg6f7>

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Trad. Suelly Rolnik. Vol. 4. Rio de Janeiro: Editora 34, 1997.

FRANCO, Adil. *Árvore de Gente*. Rio de Janeiro: *independente*: 2023. Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/CrxRtFLN1WW/?igshid=MzRIODBiNWFIZA==>

FRANCO, Adil. *Realengo*. Rio de Janeiro: *independente*: 2017. Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/CIBqASzreed/?igshid=MzRIODBiNWFIZA==>

FRANCO, Adil. *Blues da Favela do Curral*. Rio de Janeiro: *independente*: 2022. Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/Ck9B0gFJOhr/?igshid=MzRIODBiNWFIZA==>

MARTINS, Herivelton. *Ave Maria no morro*. Gravadora Odeon, São Paulo, 1942. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=sBvEErOk54g>

LEALL, Isa. *De Bangu não do Leblon*. Rio de Janeiro, RJ. *Independente*: Disponível em: Mídia física, Disco. 2022.

OLIVEIRA, Janlcireno, GAVIÃO, Adilson e GUIMARÃES, Robson. *A batucada dos nossos tatãs*. Ed. Warner/chappell Edicoes Musicais Ltda. Rio de Janeiro, RJ, Brasil, 1993.

SANTOS, Abrahão de Oliveira. *Saberes Plurais e Psicologias Aterradas: caminhos de pesquisa na psicologia e ciências humanas*. Eduff. Niterói. 2020. Disponível em: https://app.uff.br/riuff/bitstream/handle/1/29741/Saberes_plurais_e_epistemologias_aterradas.pdf?sequence=2 Acesso em Agosto de 2023.

SANTOS, Milton. *TERRITÓRIO: Globalização e Fragmentação*. 4a edição, São Paulo: Editora HUCITEC, 1998.

TRONCON, Thaís. *Nebulosas do Pensamento Urbanístico - Pensar Por Margens*. Salvador, BA, Brasil, 2018. Disponível em Link: <https://books.scielo.org/id/8synr>